OETICAS

OBRAS POETICAS
DE
NICOLÁO TOLENTINO DE ALMEIDA.

TOM. I.

LISBOA,
NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.
ANNO M.DCCCI.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

SONETO I.

SE a febre attraiçoada em fim declina,
E se se esconde a aberta sepultura,
Ao vosso rogo o devo, ó Virgem pura,
Por quem me quiz livrar a Mão Divina;

Sem Vós debalde a experta Medicina
Traça, e apparelha a desejada cura;
Sem Vós o Indio adusto em vão procura
A amarga casca da saudavel Quina;

Quando em luta co' a morte me contemplo,
Sem haver já no Mundo quem me valha,
Do vosso grão poder, que grande exemplo!

Vencestes; e em memoria da batalha
Penduro nas paredes deste Templo,
Rasgando hum novo Lazaro a mortalha.

A Sua Alteza.

SONETO II.

DE bolorentos Livros rodeado
Móro, Senhor, nesta fatal Cadeira,
De quinze Invernos a voraz carreira
Me tem no mesmo posto sempre achado;

Longo tempo em pedir tenho gastado,
E gastarei talvez a vida inteira;
O ponto está em que, quem póde, queira,
Que tudo o mais he trabalhar errado;

Principe Augusto, seja vossa a gloria;
Fazei que este infeliz ache ventura,
Ajuntai mais hum facto á vossa Historia;

Mas se inda aqui me segue a desventura,
Cedo ao meu fado, e vou co' a palmatoria
Cavar n'um canto da Aula a sepultura.

A Sua Alteza.

SONETO III.

POr eſpalhar crueis melancolias
Fui ſeguindo do Téjo a clara veia;
Cheguei ao ſitio, em que ſonóro ondeia
Nas freſcas praias da Real Caxias:

Não vi naquelle, como nos mais dias,
De ſeges, e de tropa a margem cheia;
Não ouvi reſoar na vaſta areia
Do rouco Patrão Mór as gritarias:

As Tágides gentis não levantavão
Ao lume d'agua as cryſtallinas tranſas,
Seus Hoſpedes Reaes não eſperavão;

Dormia o vento ſobre as óndas manſas;
Só na deſerta praia revoavão,
Alto Senhor, as minhas eſperanças.

No dia dos Annos do Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Marquez de Ponte de Lima.

SONETO IV.

SE as insignias da Escola pendurando,
Honrosas, porém rígidas algemas,
Fosse em humildes, simplices poemas,
O teu Nome ás Estrellas levantando:

Se eternas férias aos Rapazes dando,
Me instruisse em politicos systemas;
E esta mão, que atéqui riscava themas,
Reaes Decretos fosse registando:

Se do alto da Ajuda, onde os Destinos
Me salvassem dos dous Quinctilianos,
Désse o ultimo a Deos aos meus Meninos;

Que favores, Senhor, tão soberanos!
São quasi incriveis; mas por isso dignos
Do faustissimo dia dos teus Annos.

Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Marquez de Angeja.

SONETO V.

TReze Invernos, Senhor, tenho contado
Depois que o fado meu, triste, e mesquinho,
Sobre alto assento de lavrado pinho,
Me faz ser de crianças escutado:

Metti á força este rebelde gado
Dos amenos estudos no caminho;
E alçando hum velho, crespo pergaminho,
Por elle sans doutrinas lhe hei dictado:

Entre mim, e esta brava gente moça,
He já tempo, Senhor, de assentar pazes;
Porém sem Vós receio que não possa:

Interponde palavras efficazes;
E fazei com que eu dê, por mercê vossa,
Suéto para sempre aos meus Rapazes.

Ao mesmo Senhor.

SONETO VI.

SE me vedes, Senhor, ao vosso lado,
Não me julgueis teimoso requerente;
Sou hum calado, manso pertendente,
E só venho fazer-me a Vós lembrado:

Quando ao déstro Cocheiro for mandado,
Que os fogosos cavallos appresente,
Permitti-me que eu vá, entre a mais gente,
E vos dê n'huma venia o meu recado:

Se o trouxerdes, Senhor, bem na memoria,
E puzerdes em mim olhos beninos,
Fareis acção illustre, e meritoria;

E eu, por desfeita aos barbaros Destinos,
Quebrarei neste patco a palmatoria,
Triste insignia dos Mestres de Meninos.

No dia dos Annos do mesmo Senhor.

SONETO VII.

MIl virtudes, Senhor, pondo de lado,
E mil louvores, filhos da verdade,
Por malicia só louvo a humanidade,
Que com Jarretas tendes praticado:

Hum Rodrigues por Vós agazalhado
Em longa, trabalhosa enfermidade;
O que he do Sello, e em quem o poz a idade,*
Co' seu barrete a par de Vós sentado:

Dar franco abrigo aos miseros humanos,
Principalmente aos que já forão moços,
Fará amor em corações hircanos;

Por isso enfeito estes cançados ossos,
Por isso venho neste dia de annos
Co' sentido nos meus, louvar os vossos.

Em

* Hum Criado, que tinha Officio na Casa do Sello.

Em outro dia de Annos do meſmo Senhor, que tinha muita lição de Camões.

SONETO VIII.

NEſte dia aos louvores conſagrado,
Por materia, Senhor, tenho a Verdade,
O Preſtimo, a Prudencia, a Humanidade,
E as mais Virtudes, de que ſois ornado;

Faltava ſó eſtilo levantado,
E de roubar Camões tive vontade;
Mas de cór o ſabeis de tenra idade,
E co' furto nas mãos logo era achado;

Dos voſſos Annos, para nós vivídos,
São na Patria ſinceros pregoeiros
De baixa inveja os corações deſpidos;

Jurão-vos iſto os verſos meus raſteiros;
Os do voſſo Camões são mais polidos,
Porém eſtes, Senhor, mais verdadeiros.

Ao mesmo Senhor.

SONETO IX.

NÃo ponho em vossas mãos a prosa fria
De longa petição impertinente;
Novo genero sou de pertendente,
Que trato de negocios em Poesia:

Não peço nesta o que nas mais pedia;
Não fallo nos rapazes certamente;
Fallo, Senhor, por huma afflicta gente,
Que em vós sómente espera, em vós confia:

Hum desgraçado, que em fatal tormenta
Ora soçobra, ora resurge assima,
Seu naufragio por mim vos representa;

Quer que eu vos peça, e que vos peça em rima;
Lembrou-lhe bem; porque o Camões assenta
Que só quem sabe a Arte, he quem a estima.

Fazendo Annos o Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Conde de Villa Verde, hoje Marquez de Angeja.

SONETO X.

EM ſeus braços robuſtos vos tomárão
Os Deſtinos, que á terra hoje deſcião;
E dos dias doirados que tecião,
A fatidica hiſtoria começárão:

Mil brilhantes acções de Vós cantárão,
Que através do futuro ao longe vião;
E entre as couſas famoſas que dizião,
Eſte caſo, Senhor, prognoſticárão:

Por Vós ſerá a mais fortuna alçado
Quem viva treze annos, por caſtigo,
A Narrações, e Exordios condemnado;

Elles, Senhor, vos chamão meu abrigo;
E ſe no mais verdade tem fallado,
Não fiquem mentiroſos ſó comigo.

No dia, em que o mesmo Senhor chegou do Alemtéjo.

SONETO XI.

LArgas do Téjo a esquerda ribanceira,
Illustre Conde, e aos ventos te abalanças;
E eu deixando em decúrias as creanças,
Sahi dous passos fóra da trapeira:

Os olhos alongando pela esteira,
Que hia abrindo o escaler nas ondas mansas,
Sentia renascer as esperanças
De deixar os Rapazes, e a Cadeira;

Chega a Lacaio o sordido garoto,
Cuidadoso Anspessada a galões finos,
E chega o Goromete a ser Piloto;

Ou tarde, ou cedo mudão os Destinos;
Só eu, Senhor, supponho que fiz voto
De não passar de Mestre de Meninos.

Eſcrevendo das Caldas o A. ao meſmo Senhor.

SONETO XII.

AS ferradas muletas encoſtando,
No banho entrava hum velho macilento,
A quem eu em ſizudo cumprimento
Seus males laſtimei, quaſi chorando:

A trémula cabeça hum pouco alçando,
Me pergunta o convulſo rabujento:
= Quem es tu, que aſſim vás o meu tormento
Com triſtes reflexões accreſcentando?

Eu ſou, lhe digo, hum ramo deſgraçado
Da antiga geração dos Tolentinos,
A dar eſcola vivo condemnado;

Maldize, ó Moço louco, os teus Deſtinos;
Que não deve chorar alheio fado,
Quem tem o de ſer Meſtre de Meninos.

Ao meſmo Senhor no dia dos ſeus Annos.

SONETO XIII.

VIr beijar-vos a mão, Senhor, não poſſo
Tão loução, como o dia me aconſelha;
He de pedra enganoſa a Cruz vermelha,
E eſte pobre veſtido he velho, e he groſſo;

Se não trago mais pompa, o crime he voſſo;
Já pudéra, Senhor, em ſege velha
Governando a cordões meia parelha,
Ornar com fitta preta o meu peſcoço:

Veſtido em ar de Corte, feſtejára
Da precioſa vida a luz primeira,
Daquelle que os meus ferros me quebrára:

Na veſpera accendêra huma fogueira;
E em honra voſſa, a minha mão queimára
Quatro bancos de pinho, e huma Cadeira.

Ao meſmo Senhor.

SONETO XIV.

EM puro voto aqui vos dou pintada
De meus ſucceſſos a feliz hiſtoria;
Deixai, Illuſtre Conde, que em memoria
Fique neſtas paredes pendurada:

Vereis huma Cadeira deſtroncada,
Deſpojo honroſo de immortal victoria;
Vereis huma vencida Palmatoria
Entre as Armas de Angeja debuxada;

Se os Náufragos, Senhor, que a praia bejão,
E eſcapárão da morte ás mãos meſquinhas,
Devotas taboas pendurar deſejão:

Acceitai Vós tambem offertas minhas;
Não zombeis do painel, talvez que eſtejão
Com menos cauſa alguns nas Barraquinhas.*

* Caſa de Romagem.

Partindo para Salvaterra o Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor D. Diogo de Noronha, hoje Conde de Villa Verde.

SONETO XV.

EM quanto sobre o Téjo prateado
Te infuna fresco vento os soltos pannos;
E vás ser dos amaveis Soberanos,
Com grato acolhimento agazalhado:

Em quanto corres, de espingarda armado,
Da fria Salvaterra os campos planos,
Eu cá fico entre os dous Quinctilianos,
Livrinhos a que vivo condemnado:

Se no meio de imagens de alegria
Lembrar d'hum triste Mestre a historia crua,
Que já co' as taes Creanças se agonia;

Faze, Illustre Senhor, por vida tua,
Que elle possa, com muita cortezia,
Pela ultima vez pollos na rua.

Ao mesmo Senhor.

SONETO XVI.

EM quanto, ó bom Noronha, as brancas vélas
Vás felizmente aos ventos desfraldando,
Sobre as aguas te vão acompanhando
Filhas do Téjo as candidas Donzellas:

Largando de oiro fino as ricas téllas,
Vão diante da proa o mar cortando;
No lume d'agua aos ares ondeando
Sobre os hombros de neve as tranças bellas;

Cos' tristes olhos cá de longe as sigo:
Sem mim, Senhor, aos ventos te abalanças?
Não foi assim em tempo mais antigo;

Mas em vão foges nessas ondas mansas,
Que através dellas hão de ir comtigo
O meu desejo, e as minhas esperanças.

Ao meſmo Senhor, chegando de fóra do Reino.

SONETO XVII.

INda me lembra o venturoſo dia,
Em que pizei comvoſco eſtas eſtradas;
Hoje as deixei dos olhos meus regadas
Com pranto de ſaudade, e de alegria;

Não ſó obrigação, mas ſympathia
Aqui vos trazem eſtas cans geladas,
Que a voſſa Illuſtre Caſa fez honradas,
E donde hão de ir á ſepultura fria;

Hum ginja achais, do Pindo deſterrado,
Hum Banqueiro infeliz, que em jogo groſſo
No meſmo inſtante fica desbancado;

Não ſou quem era no bom tempo noſſo;
Só não achais meu coração mudado,
He ſempre o meſmo, he ſempre aberto, (e voſſo.

No dia em que nasceo o Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor D. José de Noronha.

SONETO XVIII.

FOrmoso Infante, ao Mundo ha pouco dado,
Gloria, e amor dos inclytos Parentes;
Que á sombra illustre de Troféos pendentes,
No regaço da Paz sereis creado;

O caminho da gloria achais trilhado
Por mil famosos, claros Ascendentes;
Ou na Corte, com maximas prudentes,
Ou na Guerra, com sangue derramado;

Vossa vida prolonguem os Destinos;
Lereis dos bons Noronhas algum dia
Honrosos Feitos, de seu sangue dinos:

Lereis que o braço seu tanto podia,
Que trocava cadeiras de Meninos
Por bancos da Real Secretaria.

No

No dia em que o baptizou seu Tio o Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor Principal Almeida.

SONETO XIX.

DA alta Sião as torres levantadas,
Já, Senhor, ante Vós vedes patentes;
Já manão sobre Vós santas enchentes
Do Tio Illustre pelas mãos sagradas;

Se achais no Mundo maximas erradas,
Co' as do puro Evangelho incoherentes,
Ponde os olhos nos inclytos Parentes,
E vereis mil virtudes praticadas:

Segui, Senhor, de seus honrados peitos
Nos Politicos Dogmas, ou Divinos,
As sans doutrinas, e os illustres Feitos;

E quando manejardes Calepinos,
Dai-me a honra de ouvir os meus preceitos,
Se eu for ainda Mestre de Meninos.

Fa-

Fazendo Annos a Illustrissima, e Excellentissima Senhora Marqueza de Lavradio fóra da Corte.

SONETO XX.

SE de alheios lacaios emplumados
Tropel brilhante não abafa a estrada,
Nem vedes essa mão sacrificada
A falsos beijos, por costume dados:

Vedes em cambio corações honrados,
E sobre o nosso rosto a alma pintada;
Vedes, Senhora, a illustre mão beijada
Do Esposo, e Filhos, e fieis Creados.

Este oiro, que aqui brilha, não tem fézes;
Péga innocencia aos corações humanos
O campo aberto, os ares montanhezes;

Aqui não doira a vil lisonja enganos;
Vinde, Senhora, aqui passar cem vezes
O faustissimo dia destes Annos.

A' Illustrissima, e Excellentissima Senhora Condeça do Vimieiro.

SONETO XXI.

AOs pés da Illustre Vimieiro hum dia
Lagrimosas Quintilhas recitava,
E o digno coração que as escutava,
Da causa por que as fiz se condoia;

Na sizuda attenção com que as ouvia
Já por bem pago o triste Author se dava;
Mas a tanto favor se adiantava,
Que até a protecção lhe promettia;

Nobreza, discrição, semblante, agrado,
São contra a má fortuna tantas lanças,
Que me supponho quasi despachado;

Mas se até falhão estas esperanças,
Vou ser já na escola, já desesperado,
Em vez de Mestre, Herodes das creanças.

Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Conde de Villa Verde, hoje Marquez de Angeja, no dia dos seus Annos.

SONETO XXII.

EM quanto me inflammar fogo sagrado
A solta, voadora fantasia,
Illustre Conde, este brilhante dia
Sobre aureas cordas ha de ser cantado;

Mas já o velho Tempo atraiçoado
Com os gêlos na mão me segue, e espia;
E em breve o esprito, que no ar se erguia,
Das loiras Musas se verá mofado.

Então já frio ginja, mas de gala,
Rebocados os candidos monetes,
Farei em prosa huma rançosa falla;

E á noite, governando os minuetes,
Encherei as funções de Mestre Sala
Com oculos, bordão, e joanetes.

Ao

Ao Filho do Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Marquez de Angeja em desculpa de não entrar o A. no seu quarto, quando teve bexigas.

SONETO XXIII.

BEm conheço, Senhor, sem que mo digas,
Que passa a ser hum crime este receio,
Em quem por ti se deve ir pôr no meio
Das lanças, e de espadas inimigas:

Não me lembrar de obrigações antigas,
Nem por onde a fortuna em fim me veio,
He cousa feia; mas inda he mais feio
O semblante de hum velho com bexigas:

Das rôxas marcas, que no rosto trazes,
Tua grande bondade me dispense;
Ajunta este favor aos mais que fazes;

E qual fez maior bem, o Mundo pense,
Se teu Pai em livrar-me de rapazes,
Se tu, do cruel mal que lhes pertence.

Pe-

Pedindo o A. ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Conde de Rezende hum Beneficio para hum Sobrinho.

SONETO XXIV.

SE em meio de altas cousas, em que trazes
Por serviço do Throno o teu cuidado;
Se de importantes prosas rodeado,
De humildes versos algum caso fazes;

Ouve, Illustre Senhor, singelas frazes
De hum antigo Poeta apozentado,
Cujo assumpto, por teima de seu fado,
Sempre he pedir que o livrem de rapazes:

Foi Mão Real, e nunca assás louvada,
Como em meus versos muitas vezes leste,
Quem me livrou da mais rapaziada:

He digna a tua de livrar-me deste;
Peior que todos; carga mais pezada;
Derão-me os outros pão, e eu dou-o a este.

Em

Em agradecimento ao mesmo Senhor.

SONETO XXV.

Os oculos, Senhor, ao ar alçados,
Os Filhos, e a Consorte compungindo,
Vai piedoso Jarreta construindo
Em santo alpendre os votos pendurados:

Alli mostra grilhões despedaçados,
Rotos baixéis aos mares resistindo,
E pállidos doentes resurgindo
D'entre Medicos máos; até pintados:

São más as tintas; mas he bom o intento;
E pois que o grato coração se esmera
Em pôr ao Beneficio hum Monumento;

Não te rias do voto que te espera;
Em teus altos Portaes ao Mundo, e ao vento
Vou pendurar hum Clerigo de cêra.

Ao Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor Principal Castro, pedindo-lhe a soltura para hum Estudante prezo por turbulento, e em alusão aos Sonetos antecedentes.

SONETO XXVI.

AQuelle de quem Tu o sangue trazes,
Já me livrou de hum íntimo cuidado,
Deo ouvido piedoso ao meu recado,
O mesmo fez, que Tu agora fazes.

Em mal polidas, mas humildes frazes,
Hum Soneto lhe foi apprezentado;
O papel vinha em lagrimas banhado,
O assumpto, já se sabe, erão rapazes.

Mostrou ao rogo meu lêdo semblante;
E o seu illustre coração clemente
Honrou, e despachou o Supplicante;

Tu es seu Filho; e não será decente,
Que sendo o caso em tudo semelhante,
Só o successo seja differente.

Em agradecimento ao meſmo Senhor.

SONETO XXVII.

AS piſtólas, Senhor, deitando fóra,
E deſta vez ſem Verdeaes ao lado,
O manſo Ferabrás ajoelhado
A mão vos beija auſtera, e bemfeitora;

Contrafazendo cara de quem chora,
As culpas attribue á inveja, e ao fado;
E por doutas algemas enſinado,
De ſer hum Santo faz tenção por ora;

Não fico pelo novo Penitente;
Só ſei que a mão, que os ferros lhe rompêra,
A mim prezo me deixa eternamente;

E á voſſa porta o vulto ſeu quizera,
Qual do Sobrinho, meu deixar pendente;
Mas homem tal, quem o fará de cêra?

Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Luiz Pinto de Sousa, tendo promovido o despacho de hum Irmão do A.

SONETO XXVIII.

SEnhor, deste Volcão convencionista,
Eu, mais que o triste Irmão, no p'rigo entrava,
Que tem que ver fuzil, que não matava,*
Co' a setta ervada de huma Letra á vista?

Do Rossélhão na rapida conquista,
Da Magdalena na subida brava,
Eu daqui mesmo ao lado seu marchava,
Nomeado por elle em Assentista;

Hoje porém, em que ambos nós curamos,
Elle o golpe do peito, eu os da caixa,
E com a espada a bolsa penduramos:

Qualqüer de nós o alegre rosto abaixa;
E essa mão bemfeitora vos beijamos,
Elle por despachado, eu por dar baixa.

Ao

* Tinha sido tocado de huma bala.

Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor José de Seabra da Silva, tendo promovido o despacho de huma Tença para as Irmans do A.

SONETO XXIX.

COm pardo, Carmelita vestuario,
Irmans, que contão já muito Janeiro,
Abrindo-vos tambem hum mialheiro,
Tambem vos estão dando o pão diario;

De Registos ao vasto Santuario,
Com tres lumes accezo o candieiro,
A Tença que lhe déstes de dinheiro,
Recompensão com outra de hum rosario;

Co' as vozes suas vai a minha unida;
Mas riscavão-me logo de Confrade,
Se a tenção co' as palavras fosse ouvida;

Peço, Senhor, á Eterna Potestade,
Que ao Bemfeitor conceda mais de vida
Os annos que as Devotas tem de idade.

Ao

Ao Senhor Conſelheiro Franciſco Feliciano Velho da Coſta, Procurador Fiſcal das Mercês.

SONETO XXX.

SEnhor, hum triſte Alferes reformado,
Pobre, e caſado, além de pertendente,
Seus papeis me appreſenta humildemente,
E quer que vão á Cruz do Taboado;

Apenas lhe cubria o peito honrado
Farpada caſaquinha tranſparente,
Os pobres fazem dó, principalmente
A quem do meſmo mal anda apalpado;

Peguei nas Certidões, fui combinallas;
E depois de arranjallas, e cozellas,
Em nome meu lhe prometti mandallas;

E pois que são Mercês o objecto dellas,
He digno officio em Vós fiſcalizallas,
E em mim coſtume antigo recebellas.

MO-

MOTE.

O Illuſtre, o Benefico Tarouca.

SONETO XXXI.

DE mil Crédores horridas lembranças
Em torno da cabeça revoando,
Irmans rotos çapatos amoſtrando,
E já ſem pós as empeçadas tranças;

Cruel Fortuna, ainda te não canſas,
Tantos deſejos meus em flor cortando!
E com ſceptro de ferro eſtás mandando
Que eu ſeja Meſtre eterno de Creanças!

Ora talvez que brevemente vejas
Hum triunfo eſcapar-te, ó Deoſa louca,
Porque já não ſou eu com quem pelejas;

Conheci nos meus braços força pouca,
Chamei o grande Almeida, os bons Angejas,
O Illuſtre, o Benefico Tarouca.

Na despedida da Quinta das Lapas.

SONETO XXXII.

NEsta Quinta, onde mora a sã verdade,
A doce paz, a solida alegria,
E aonde da suavissima Poesia
Vi correr outra vez doirada idade;

Hum triste, que partio para a Cidade,
Chorando sobre as letras que escrevia,
No verde tronco de hum cypreste abria
Este padrão da sua saudade =

Em quanto, ó bom Marquez, as Musas bellas
Vão porfiando a qual primeiro tome
De mirto, e loiro para Vós capellas;

Este tronco, que o tempo não consome,
Irá erguendo ás lucidas estrellas
A minha gratidão, e o vosso Nome.

Aos Annos de hum Juiz do Crime em dia, que tinha acompanhado hum Padecente.

SONETO XXXIII.

ERgueo aos Ceos alegre gritaria
Do eſcuro Tronco o aladroado bando;
E nas rotas abobadas voando
Teu claro Nome reſoar ſe ouvia:

Altanado Marujo em pé ſe erguia,
E a ſuja bolſa com xibança alçando
= Haja vinho, e comer, vamos xupando,
Acceite Baccho eſte ſagrado dia;

Aos bellos Annos, diz, do Illuſtre Ramos
Cem vezes dêmos empinada taça,
Porque por fim com elle nos achamos;

Os antigos grilhões nos deſpedaça;
Daqui nos vem tirar, com elle vamos
Dar goſto ao Povo no Cardal da Graça.

No dia, em que chegou a Náo dos Quintos.

SONETO XXXIV.

SE a larga popa tràzes alaſtrada
Cos' prenhes cofres de metal luzente;
Que importa, ó alta Náo, ſe juntamente
Vens de pranto, e penhoras carregada?

Para ver tanta cara envergonhada,
E pôr no Limoeiro immenſa gente,
Para iſto ſurcaſte a grã corrente
Dos ventos, e das ondas reſpeitada?

Se alegràs huma parte da Cidade,
Ergues na outra hum ſordido Porteiro,
Vendendo traſtes velhos por metade;

Traz bens, e males teu fatal dinheiro;
Huma alta paz aos homens de verdade,
Hum eſtupor a cada caloteiro.

No

No ultimo dia de Férias.

SONETO XXXV.

PRégou o eloquentiſſimo Macedo
Em caſta linguagem Portugueza;
Veio a Fortuna ao lado da riqueza
Doirar-me a banca, que eu armei a medo;

Com modo affavel, com ſemblante ledo
Dava alma a tudo a Senhoril Marqueza;
Aſſemblea por fim de tal grandeza,
Que acabando alta noite, acabou ſedo;

Sentio ferver meu cavernozo peito
Eſcumante licor, manjares finos,
Função, a que não anda muito affeito;

No meio diſto os meus crueis Deſtinos
Me lembrão (por não ter goſto perfeito)
Que era o outro dia dia de Meninos.

A dous Velhos jogando o Gamão.

SONETO XXXVI.

EM escura Botica encantoados,
Ao som de grossa chuva que cahia,
Passavão de Janeiro hum triste dia
Dous Ginjas no Gamão encarniçados;

Corra, Vizinho, corra-me esses dados,
Gritava hum delles, que nem boia via;
De sangue frio o outro lhe dizia
Mil anexins naquelle jogo usados;

Dez vezes falha o misero antiquario;
E ardendo em furia o tremulo Velhinho,
Atira c'uma tabola ao contrario:

O mal seguro golpe erra o caminho;
Quebra a melhor garrafa ao Boticario,
Que foi só quem perdeo no tal joguinho.

Aos que apontão á Banca.

SONETO XXXVII.

O Coração com ferro temperado
Tinha o duro inventor da Banca injusta;
Jogo fatal, que tantas penas custa,
E que tem fartas bolsas despejado;

Quantas vezes eu tive ao ar alçado
Vistozo parotim, que a Banca assusta!
Quantas vezes o vi, á minha custa,
Co' as doces esperanças derribado!

Já lá ha de ter dado conta estreita
Quem inventou a triste corriola,
Que a cega mocidade a perder deita;

Porque ainda que ás vezes nos consola,
Em malhando meia hora na direita,
Deixa o maior taful pedindo esmola.

Con-

Convalescendo o A. de humas Sezões, não tendo ainda o Ordenado por inteiro.

SONETO XXXVIII.

A Côr perdida, o gésto demudado,
Sobre hum pobre Sobrinho posto o braço,
Vou ensaiando o mal seguro passo
Pelas nuas paredes encostado;

De cem papeis de Quina rodeado,
A amarga dóze em fresco Rhim amaço;
Ao cheiro horrivel feias caras faço,
Tendo na mão o fatal cópo alçado;

Seguindo do bom Cunha os documentos,
Vim fazer nestes campos exercicio,
Lavados sempre de sadios ventos;

Aqui mil votos faço ao Ceo propicio,
Que me mude algum dia os crescimentos,
E me passem dos pulsos para o Officio.

Na occaſião da Loteria Ingleza.

SONETO XXXIX.

LOiro rapaz em alto levantado,
Com o ar da Nação, franco, e ſingello,
Ao duro golpe de fatal martello,
Alçava o braço meio arregaçado;

Na movel Urna, onde habitava o Fado,
Mettendo a mão até ao cotovello,
Moſtrava ao Povo tímido, e amarello,
Em negro fio hum papelinho atado;

Alguns groſſo theſouro em ſi continhão;
Mas as Sortes que d'antes ſe fazião,
Para os pobres Tafues de molde vinhão;

Salvas, xouriços, ſempre ao ar pendião;
Real cada papel; de máo ſó tinhão
Que os premios, que erão grandes; não (ſahião.

A

A hum Taful, que protestou não apontar á Banca.

SONETO XL.

QUe tornas a apontar, prometto, e attesto;
Que eu, passaro bisnau, fino garoto,
Depois de já ter feito o mesmo voto,
Jógo o que trago, e jogarei de resto;

Seguimos os Tafues o mesmo aresto,
Que segue nas tormentas o Piloto;
Hum parolim desfeito, hum masto roto
Tem produzido muito vão protesto;

Ainda dos ardidos Jogadores
Vão as pragas subindo sobre o vento,
Já tornão para o jogo os taes Senhores;

He caso, em que não liga o juramento;
Qual parida, que grita com as dores,
E sahe prenhe no fim do regimento.

SO-

SONETO XLI.

De infaustos parolins nunca vencidos,
Mil vezes levantei jogo brilhante;
Perdia-os todos, e no mesmo instante
Hião ao chão, sem ninguem ver, mordidos;

Alvejando entre os lúgubres vestidos,
A Ninfa Tutelar se poz diante;
Na doce voz, no angelico semblante,
Vi logo os circumstantes embebidos;

Indo lavrando o rígido Banqueiro
De marcas numerosa quantidade,
Ouvi, que me dizia hum companheiro =

Não choremos a nossa adversidade;
Porque aonde perdemos o dinheiro,
Perderá muita gente a liberdade.

SO-

SONETO XLII.

POr ti, Senhora Illuſtre, ouvido, e honrado,
Do Trinta e Hum á meza me aſſentava,
E nos campos do jogo a medo entrava
D'outra batalha ainda enſanguentado;

Moſtrou reſpeito o meu teimoſo Fado
A quem comigo ás vezes converſava;
E ſobre outros Tafues deſcarregava
Os golpes que me tinha preparado;

Já diante de mim o Erario via;
Mas era noite de tão bom agouro,
Que eſte era o menor bem que eu recebia;

Sim me dava a Fortuna prata, e oiro;
Mas nos ditos diſcretos que te ouvia,
Me derão as tres Graças hum theſouro.

En-

Entregando o Ponto á Deosa Fortuna.

SONETO XLIII.

IMpia Deosa, hum Taful desesperado,
Profanando estes horridos lugares,
O Ponto queima sobre os teus altares,
Dom funesto, que tu lhe tinhas dado;

Recebe em vil triunfo este Az rasgado,
Que aqui penduro ao rouco som dos ares;
E vem, por ser mais digno de o acceitares,
Em lagrimas de sangue inda banhado;

Já puz nas tuas mãos grossos tostões;
Mas se em paga me dás cansados dias,
Mais não quero provar-te as sem-razões;

Que aos que apontão, por fim, tu sempre envias,
Ou com faca na mão para os Pégões,
Ou com tigella para as Portarias.

Ao Jogo do Isque.

SONETO XLIV.

QUalquer Taful, que nas partidas roda,
Logo na meza do Isque se intromette;
Ao jogo da tristeza se submette,
Escravo vil da variavel moda;

Quando em guerras ardesse a Europa toda,
E suasse aos Ministros o topete,
Nenhum no aferrolhado gabinete
Andára tanto co' a cabeça á roda;

Deve o jogo causar divertimento;
Mas o tal Isquezinho endiabrado
Mette as sérias cabeças a tormento;

Eu nunca o jógo; só me traz tentado
Bisca cuberta, Truque fraüdulento,
Que são os jogos com que fui creado.

A buns Annos.

SONETO XLV.

HUm Taful, que passou ao vosso lado
No férvido Estoril hum quente dia,
De cuja bolsa já cotão sahia,
Que assim o quiz o *Séve* endiabrado;

Hoje a Lyra na mão, o rosto alçado,
Largando o cópo, para os Ceos dizia:
= Cem vezes raies, ó ditoso dia,
Que déste ao Mundo este Taful honrado:

Não lhe peço que imite os seus Maiores,
Bem lho encómenda o sangue, inda q̃ mudo,
Dos antigos, Reaes Progenitores;

Só lhe peço que faça ao *Séve* estudo,
E deixe sem real estes Senhores
Com o cópo na mão topando tudo.

SO-

SONETO XLVI.

EM rotos pergaminhos encoſtado,
Sobre nua Cadeira ao alto erguida,
Vou conſumindo a miſeravel vida,
De bizonhos rapazes eſcutado;

Da antiga Roma o ſeculo doirado
Anda ſempre entre nós em crua lida;
De Cicero a facundia conhecida,
Do puro Horacio o goſto delicado;

Mas deſtes homens mil paſſagens bellas,
Que na cabeça á viva voz lhe encaxo,
Vão-lhe lá hoje perguntar por ellas?

Só para conſolar-me, nelles acho
Os mais bonitos moldes de fivellas;
E de çapatos com entrada abaxo.

Dei-

Deitando hum Cavallo á margem.

SONETO XLVII.

VAi, miſero Cavallo lazarento,
Paſtar longas campinas livremente;
Não percas tempo, em quanto to conſente
De magros cães faminto ajuntamento;

Eſta ſella, teu unico ornamento,
Para ſinal de minha dor vehemente,
De torto prégo ficará pendente,
Deſpojo inutil do inconſtante vento:

Morre em paz; q̃ em havendo algum dinheiro,
Hei de mandar, em honra de teu nome,
Abrir em negra pedra eſte letreiro =

Aqui, piedoſo entulho, os oſſos come
Do mais fiel, mais rápido ſendeiro,
Que fora eterno a não morrer de fome.

A hum Sujeito, que pela primeira vez se tosquiou para pôr Cabelleira.

SONETO XLVIII.

DEsaffronta esses cascos cabelludos,
E o Sol os veja pela vez primeira;
Saiba tambem essa vestal caveira,
Que ha Nortes frios, e Aquilões agudos;

Chovão-te aos pés os crespos gadelhudos,
Que te abafão a pállida vizeira;
E rolem sobre as praias da Junqueira
Ao som do vento os sordidos canudos;

Tizouras, com o gume de cutéllos,
Afiadas em asperos rebollos,
Deixem-te os cascos limpos de novellos;

Porém de todo poderás compollos,
Se assim como lhe pões outros cabellos,
Pudéras encaixar-lhe outros miolos.

SONETO XLIX.

DEpois que á luz de trémula candêa
Entre os pobres lençoes me revolvia,
E ao cerebro dormente já ſubia
O groſſo fumo da indigeſta cêa;

Brilhante ſonho na enganada idéa,
Por maior mal, venturas me fingia;
Fez-me entrar na Real Secretaria,
Fez-me logo deitar ſege á boléa;

Poz-me na ſala hum eſpaldar comprido,
Hum valído Lacaio em camizola,
E hum Correio com chapa no veſtido;

Eis que ſoa na porta a dura argola;
Foge-me o ſonho, acórdo eſpavorido,
Era hum rapaz, que vinha para a Eſcola.

Satyra ás Contradanças em dias de Procis-sões de Quaresma.

SONETO L.

AInda os vagos ares atroava
De velhas Regateiras ſujo bando;
Que a Cruz ſetima vez acompanhando,
A incerta ſalvação aſſegurava;

O devoto Taful ſe alevantava,
Eſcolhida Parceira convidando;
Eu vi hum, que inda os olhos alimpando,
A' caixa da rabeca a mão lançava;

Retine a Contradança nos ouvidos;
Deſtramente ſe trocão pés, e braços,
De que todos ficámos compungidos,

Que eſte era o fim da Procisſão dos Paſſos;
Cuidavamos, mas fomos advertidos,
Que inda faltava o jogo dos abraços.

Pintando huma bulha de dois Bebados.

SONETO LI.

DE deſcalços miqletes rodeado,
Por eſcuro armazem da Boaviſta,
Vinha ſahindo hum tremulo xupiſta,
Em rota capa ás canhas embuçado;

Outro que tal o traz deſafiado,
Caximbo no chapeo, calção de liſta;
E fora o caſo, porque o tal copiſta
Pagou primeiro, ſendo convidado;

Ambos errando huma infeliz punhada,
Comſigo em terra os vís Athletas derão
Ao ſom de vergonhoſa ſurriada;

Famoſos ſôcos entre os dous ſe eſperão;
Mas a gente ao redor ficou lograda,
Porque em vez de brigar adormecêrão.

A' impertinencia dos Sinos de Villa Viçosa.

SONETO LII.

QUe importa, ó Torre, q̃ dos Ceos beninos
Chegue o dia a partirmos destinado,
Se hum milhão de cabeças tem quebrado
O ingrato som de teus teimosos Sinos?

Entre os males, que os barbaros Destinos
Para os nossos ouvidos tem creado,
Peior que ir-vos ouvir, só tenho achado
Ir ouvir as lições dos meus Meninos:

Não posso fazer mal senão co' a penna;
Se pudesse, apontára hum tiro rudo,
E fizera o que fez o Carracena: *

Sinos crueis, vós fazeis raiva em tudo,
Dobrando, repicando; e em fim he pena
Que não toqueis tambem a entrar no Estudo.

A's

* General Castelhano, que com huma bala quebrou hum Sino em Villa Viçosa.

As Fivellas grandes.

SONETO LIII.

EM curto Joséſézinho rebuçado
Loiro Paralta a rua paſſeava ;
Seus votos pela aduſa lhe acceitava
Com brando rizo hum roſto delicado :

O Pai da Moça, que era ginja honrado,
E o caſo havia dias eſpreitava,
De membrudo Caixeiro ſe eſcoltava
Com bengala na mão, xambre traçado :

Fugíra o Moço, qual ligeira péla,
Se as fivelas de marca agigantada
Deixaſſem navegar a Náo á véla;

Mas vio huma entre eſquinas encalhada;
E ſe ninguem comprou maior fivela,
Tambem ninguem levou maior maſſada.

Ao Mez de Janeiro.

SONETO LIV.

TYranno Mez, não te baſtavão frios,
Nem vís catarros, de que vens armado?
Queres tambem que marchem a teu lado
Cos' Mandados nas mãos os Senhorios?

Em podre throno de caixões vazios,
Na Praça do Depoſito aſſentado,
Goſtas de ouvir Porteiro eſganiçado,
Mettendo a trote os alugueis tardíos?

Embora ſeja aſſim; Malſins ingratos
Comboiem pela ſuja Cotovia
Os penhorados Domingueiros fatos;

Mas não juntes o eſcarneo á tyrannia;
Não mandes que entre tantos deſacatos
Te chamemos o Mez da Cortezia.

SONETO LV.

CHaves na mão, melena desgrenhada,
Batendo o pé na casa, a Mãi ordena,
Que o furtado colxão, fofo, e de penna,
A Filha o ponha alli, ou a Criada:

A Filha, Moça esbelta, e aparaltada,
Lhe diz co' a doce voz, que o ar serena:
= Sumio-se-lhe hum colxão, he forte pena;
Olhe não fique a casa arruinada:

Tu respondes-me assim? tu zombas disto?
Tu cuidas, que por ter Pai embarcado,
Já a Mãi não tem mãos? E dizendo isto,

Arremette-lhe á cara, e ao penteado;
Eis senão quando (caso nunca visto!)
Sahe-lhe o colxão de dentro do toucado.

A' Mulher que açoitou o Marido.

SONETO LVI.

MUlher do Capellista, acaba a empreza,
Que o Mundo sem razão chamou tyranna;
Vai açoitando esse infeliz banana,
Nódoa do sexo, horror da natureza;

A vil rapaziada Portugueza
Com falsa cantilena o Povo engana; *
Nem coifas inventaste á Castelhana,
Nem as vastas fivelas á Malteza;

De mais alta invenção he bem te prézes;
Legislando melhor que Tito, ou Numa,
Emendaste huma lei dos Portuguezes;

Não padece isto dúvida nenhuma;
A lei açoita a quem cazar duas vezes;
Tu mostras, que comtigo basta huma.

A

* Foi objecto de cantigas dos rapazes.

A huma Sege de aluguer.

SONETO LVII.

QUe Sege, Senhor Conde? eu fiz hum voto
De andar antes por mar, e mar cõ Moiros;
He trifte habitação dos máos agoiros;
He hum refto infeliz do Terremoto;

De aftuta palmatoria o bico ignoto,
Em vão fura do Macho os furdos coiros;
Em vão fulmina rígidos eftoiros
Do bebado Arreeiro o braço roto;

A parda caixa he documento antigo;
He prova, de que os annos gaftadores
De cada ponto fazem hum poftigo;

He Sege tal, que em nada poupa dores;
Por mais que a feche, lá vão ter comigo
As injúrias do Tempo, e as dos Crédores.

SONETO LVIII.

ARte infeliz, Rhetorica chamada;
Ensino as tuas leis, mas não as creio;
Ou nunca ergueste fogo em peito alheio,
Ou tu já hoje estás degenerada;

Da conjunção dos tempos ajudada,
Teu vão poder só dos acasos veio;
Na demanda fatal, que em ti pleiteio,
Cicero mesmo não vencêra nada;

Quero suppôr que a minha causa toma;
Veria então que a força dos Destinos
Com força de palavras não se doma;

E a lingua, que abrandou peitos ferinos,
Que os Povos attrahio, que salvou Roma,
Me deixaria Mestre de Meninos.

Definição de Chanfana.

SONETO LIX.

COmprada em asquerozo matadoiro
Sanguinoza forçura, quente, e inteira,
E cortada por gorda Taverneira,
Cujo caxaço adorna hum cordão d'oiro;

Cabeças de alho com vinagre, e loiro,
E alguns carvões, que saltão da fogueira;
Fervendo tudo em vasta frigideira,
Cos' indigestos figados do toiro;

Suavissimo cheiro, o qual augura
Grato manjar, mas que por causa justa
Dá hum sabor, que nem o démo o atura;

Isto he Chanfana, e sei quanto ella custa;
Deo-me o berço, dar-me-hia a sepultura,
A não valer-me a vossa Mão Augusta.

SO-

SONETO LX.

DOs ruſſos Machos na cahida orelha
De tres luſtros a marca anda eſtampada;
Entre as caimbas, hum palmo pendurada
Babando réga a terra a lingua velha;

Troquei por Andaluz, ſerril parelha,
De alegre cara, e corpolenta oſſada;
Os pés ſem ferro, a cauda toſquiada,
E o vaſto bojo cheio de guedelha;

São Machos taes, que natural fereza
Do *Lagoia* á fatal cavalhariça
Os levará co' a ſege a arraſtos preza;

Mas já que em dar-lhe a torna houve preguiça,
Se forem ter-lhe á caza por braveza,
Poupo a vergonha de irem por juſtiça.

A humas Sezões teimozas.

SONETO LXI.

NÃo poſſo mais, crueis Sezões malinas,
Tratar-vos bem como vos hei tratado;
Já miſero cotão ſahe deſpegado
Das rotas algibeiras cryſtallinas;

Buſcai agora a quem chegar das Minas,
Ou quem entronque em linha de Morgado;
Que algum vintem que eu tinha, eſtá fumado
Em Aguas de Inglaterra, Purgas, Quinas:

Mudai ſitio, que eu mudo de coſtume;
Já não revoão neſte Promontorio
Rolas de pezo, frangas de xorume;

Torna a ſurgir no ſimples refeitorio
O fiel bacalhao, o vil legume,
Que he o que d'antes dava o reportorio.

Sobre protestos de não apontar á Banca.

SONETO LXII.

BAbando sobre sordida tigella
Subtil Mercurio em pillulas tomado,
Jura o dorído, pállido Soldado,
Nunca mais ver a cara á tal Donzella;

Mas como Fados zombão de cautella,
Com bom capote, á choupa conquistado,
Sobre duas muletas encostado,
Se poz a assobiar á porta della;

Tal, ajoelhado ao vencedor Banqueiro,
Com mil votos formaes, mas sem virtude,
Jurou a paz este infeliz Parceiro;

Chegão as horas, resistir não pude;
E da porta a que fui, vim de dinheiro,
Como o Soldado veio de saude.

A hum Cabelleireiro, que por leves ciumes da futura Noiva queimou o enxergão, e ajustou outro Cazamento.

SONETO LXIII.

NUpcial enxergão em chammas arda
Em pena do trahido amor primeiro;
Que este honrado, infeliz Cabelleireiro,
Pelas manhas da besta pune a albarda;

Poz logo aos pés de mais formoza Anarda
Seu vago coração aventureiro;
Comprou novo enxergão por mais dinheiro,
Que Amor conserve em sua santa guarda:

Ouvirão-se ternissimas promessas,
A que elle respondeo: = Por vida tua,
Dos protestos que fazes, não te esqueças =

Mas praza ao Ceo, que em quanto elle na rua
Enfeita á moda martyres cabeças,
Não lhe fação em caza o mesmo á sua.

No dia, em que Suas Mageſtades chegárão de Villa Viçoza.

O D E.

TEjo feliz, que as ondas ſerenavas
Aos Reis que conduzias;
E ſoberbo do pezo que levavas,
Queixumes não ouvias;
Sente outra vez os hombros teus cortados
De duras quilhas, de eſporões doirados.

Ferem das praias gritos nas eſtrellas
Do Povo, que eſperando,
Mil vezes abençoa as prenhes vélas,
Que ao longe branquejando,
Lhe vem trazendo ſobre as ondas manſas
Da Luza Gente os Reis, e as eſperanças.

Se abrindo as brancas azas emplumadas
Alvos Cifnes não vejo;
Se co' as loiras cabeças levantadas
Não vem Filhas do Téjo
A pintada Galera rodeando,
E co' peito formozo o mar cortando:

Se azues Delfins não faltão, mergulhando,
Nas ondas prateadas;
Se vaidozos, a quilha levantando,
Nas efpadoas doiradas,
Não vem guiando a cortadora proa
Aos altos muros da fiel Lisboa:

Se alçando fobre os marês conquiftados
A verde, hirfuta frente,
Não vem, inda de fangue rociados,
Do humilhado Oriente,
Pelo aurifero Téjo, o paffo abrindo,
Ajoelhar ante Vós o Gange, e o Indo:

Senão vejo na vaga fantazia
Mil imagens brilhantes,
Com que exalta enganoza Poezia
Illustres Navegantes,
Falsos enfeites de venal mentira,
Indignos da alta Muza, que me inspira;

Nos olhos me fuzilla santo lume
De singela verdade;
Offendem vãos ornatos de costume
A austera realidade;
As lagrimas que vejo, ternas, puras,
Não são, não são fantasticas pinturas.

Hum Povo, que vos ama, alvoroçado,
Cubrindo as praias vejo;
Outro deixais, em lagrimas banhado,
Ao Sul do claro Téjo,
Erguendo os vossos Nomes ás estrellas,
E cos' olhos seguindo as brancas vélas.

Não chegais em triunfo á Auguſta Corte
    Com Frota em guerra armada;
Não vejo abrir diante o horror, e a morte
    A ſanguinoza eſtrada:
Foſtes vencer co' as armas da brandura;
Todo o pranto que viſtes foi ternura.

Não trazeis ante Vós maniatados
    Lagrimozos cativos;
Paternos campos não deixais juncados
    De corpos ſemivivos;
Não vejo voltear no altar de Marte,
Tinto de ſangue, bellico Eſtendarte.

Singelos corações a Vós rendidos,
    Por triunfo trazeis;
Trofeo maior, do que trazer vencidos
    Ricos, ſoberbos Reis;
Talento de reinar, que vos foi dado,
Nos vence os corações, não braço armado.

Fa-

Fazeis alegre entrar na patria terra
    O Americano aduſto;
Reconta os cazos da paſſada guerra
    A' Eſpoza, que com ſuſto
Lhe vai banhando em lagrimas de goſto
As cicatrizes do cortado roſto.

A forte mão, que ainda fumegava
    Co' ſangue não poupado,
Na dura terra com mais goſto crava
    O conhecido arado;
E a melhor uzo o ferro convertendo,
Em paz herdados campos vai rompendo.

Eſpalhe ſobre Exercitos cerrados
    Sibillantes peloiros;
Colha, de ſangue, e lagrimas banhados,
    Os fantaſticos loiros
Quem da Sorte chamar dom ſoberano
Banhar as cruas mãos em ſangue humano:

Amar

Amar a paz, amar a sã verdade,
Enfrear a cubiça,
Saber unir á ſolida piedade
Inflexivel juſtiça,
Eſta he do Throno a verdadeira gloria;
He eſta de meus Reis a honroza hiſtoria.

Em

Em louvor da Amizade.

ODE.

MUza frouxa, e raſteira,
Que o louco Amor, e ſeus triunfos cantas,
He hoje a vez primeira
Que aſſima das eſtrellas te levantas;
Não arda o ſanto fogo
Sempre em materias vans, de rizo, e jogo.

A virtude ſublime,
Filha do Ceo, a candida Amizade,
Que chama feio crime
Voltar a cara á pobre humanidade,
He quem hoje te inſpira,
Quem te apprezenta a deſuzada Lyra.

De-

Debalde negro fado
Cubrio meus dias de fortuna eſcura;
Debalde tem jurado
Ser meu contrario até á ſepultura;
Não dar-me valimento,
Deixar meu nome em baixo eſquecimento.

De Solares antigos,
Nem theſoiros herdei, nem vã grandeza;
No ſeio dos Amigos
Me poz o Ceo mais ſolida riqueza;
Não teme duro fado
Quem alcançou fiel Amigo ao lado.

Sobre inhóſpita praia
Lance o mar o Navio deſtroncado;
No rolo d'agua ſaia
O náufrago Piloto deſcórado;
Arêas não pizadas
Enſope o triſte em lagrimas canſadas;

Se em tão duro caſtigo
O Ceo, por novo caſo não penſado,
O encontraſſe co' Amigo,
Que anda da cara Patria deſterrado,
Choràra de alegria,
Feliz talvez chamaſſe o triſte dia.

O eſcravo na corrente,
Em mizero ſuor banhado o roſto,
Encha d'oiro luzente
A mão cruel, que os ferros lhe tem poſto,
Do Mineiro avarento,
Que tem no ſeu theſoiro o ſeu tormento.

Albino impaciente
Cos' olhos, e as eſperanças no Oceano,
Veja vir do Oriente
A Náo com oiro, e com marfim Indiano;
Veja o porto afferrado,
Chame-ſe embora bemaventurado.

Na-

Nada diſto appeteço;
Sabem os Deozes, e por elles juro,
Que os votos que lhe offreço,
Naſcidos vem de coração mais puro;
Que eſtes bens não invejo,
Que levanto a mais alto o meu dezejo.

Se nos ſerenos ares
Lhe vão ſuſpiros meus, d'alma mandados;
Se deixo ſeus altares
De minhas puras lagrimas banhados;
Se os commovo á piedade,
Meus votos são por ti, ſanta Amizade.

Dem-me ſeis Amigos,
Moſtrem-ſe embora em tudo o mais, irozos;
No meio dos caſtigos
Lhes chamarei benignos, e piedozos;
Amigo verdadeiro,
Tu vales mais que o Univerſo inteiro.

Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Visconde de Villa Nova da Cerveira, depois Marquez de Ponte de Lima.

O D E.

DOze vezes voltando o ardente Estio
Cos' férvidos Agostos,
Quando o quente suor alaga em fio
Os encalmados rostos,
Me achou sentado em Trípode de pinho,
Gritando a hum Povo barbaro, e damninho.

Doze chuvozos, rígidos Janeiros,
Os tectos destroncando,
Me destruírão pennas, e tinteiros,
Sobre elles gotejando;
E o rouco Sul, que em torno assoviava,
Das frias mãos os themas me levava.

Fortuna inexoravel, que envenenas
Doiradas esperanças;
Que com sceptro de ferro me condemnas
A estupidas Creanças,
E que entre carunxozos, coxos bancos,
Me vás fazendo estes cabellos brancos:

Tu carregando a feia catadura,
Que amedrenta os humanos,
Queres que eu chegue á triste sepultura
Cos' dois Quinctilianos?
E que em eterna, posthuma memoria,
Me gravem no sepulchro a Palmatoria?

Que meus orfãos Discipulos chorando
A' perda que fizerão,
Os Livros sobre o feretro rasgando,
Que nunca percebêrão,
Digão: = Com pranto nosso Mestre honremos,
Quatro soluços a seus ossos demos?

Que

Que de altos bancos, negra eça armando,
E de batinas velhas,
Vão do mudo Auditorio atormentando
As attentas orelhas
Com Orações, á queima roupa, cheias
De apóstrofes, e vans prozopopéas?

Que n'alta noite tempestoza, e escura,
Em horrorozo sonho,
Vejão erguer da fria sepultura
Este espectro medonho
A castigar, como fazia em vivo,
O crime de hum errado accuzativo?

Sabio, e Illustre Visconde, que te alçaste
Assima dos Destinos,
Que em teu peito o saber enthesoiraste
De Gregos, e Latinos;
Que em contínua lição attento enchias
Teus socegados, bem vividos dias:

Tu,

Tu, Illustre Senhor, em quem agora
Os olhos fitos tenho,
Estende a mão benigna, e bemfeitora
A meu humilde engenho;
Que se era só ás brandas Muzas dado,
Mais longe irá, se for por ti levado.

Algum talento, que me deo natura,
Seria a mais alçado,
Se eu tivesse a grandissima ventura
De ser por ti mandado;
Se do alto engenho, de que não prezumes,
As instrucções bebesse, e os vivos lumes.

Não me atrevo, Senhor, a pedir tanto,
Meus fracos hombros vejo;
A tão altas esp'ranças não levanto
Temerario dezejo;
Conheço ha muito o meu fatal Destino,
Eu não nasci de tal fortuna dino.

Mas não encolhas, Inclyto Cerveira,
A mão de que eu me valho;
Converta-ſe o trabalho da Cadeira
N'outro qualquer trabalho;
Longe de Eſcolas, longe de Creanças,
Farto com pouco minhas eſperanças.

Se em nome de teus Reis a mil tiraſte
Das mãos da crua morte;
Se as chapeadas portas franqueaſte
De ſoterrado Forte,
Acção maior, e inda mais pia fazes,
Tirando-me das garras dos Rapazes.

Conſente-me depois que a Lyra tome,
Em que aureas cordas vejo;
E que invocando teu illuſtre Nome
Sobre as praias do Téjo,
O Lima cante em ſonorozo verſo,
O Lima, que te deo o Nome, e o berço.

E em memoria do grande beneficio,
Lá nas margens do Lima
Irei cravar a insignia deste Officio,
Lançando arêa em sima;
E em tronco annozo de copado freixo,
Cortada em verso, esta Escritura deixo =

Fugi, Rapazes, aqui corre risco
Mocidade atrazada;
Não he Leão, ou fero Bazilisco;
Não he Serpe enroscada
O que encobre esta funebre memoria,
He peior que isso tudo, he Palmatoria.

Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Marquez de Angeja.

ODE.

NEste despido tronco pendurada,
Acaba, ó triste Lyra,
Dos dezabridos Nortes açoitada;
Mão branda não te fira,
E fica volteando ao som do vento,
Qual Sella do Cavallo lazarento. *

Sempre, Lyra infeliz, sempre tocaste
A fechados ouvidos;
Feminís corações nunca amolgaste
Com teus écos sentidos;
Em vão louvavas, junto a Apollo loiro,
Huns alvos dentes, huns cabellos de oiro.

Dei-

* Tem aluzão ao Soneto n. 47.

Deixaste o louco amor, e temperada
Novas cordas forcejas;
Em ti a clara fama foi cantada
Dos Illustres Angejas;
Deste que em mar, e terra o mando estende,
Que serve hum Throno, e que de dois descende.

De meus pezados dias lhe contaste
A lagrimoza historia;
Na esquerda mão hum Livro me pintaste,
Na outra a Palmatoria;
Com carregado, rispido focinho,
Dictando Leis em Tribunal de Pinho.

Condoer-se mostrou da vida escura,
Que aos olhos lhe tens posto;
Pareceo-me que vi nova ventura
Mostrar-me o ledo rosto;
Cuidei, que nunca mais, quando tocasse,
Com teus sons, o meu pranto misturasse.

Dos juſtos Reis os olhos penetrantes
Sua alma conhecêrão;
Mil pezados Negocios importantes
Nos hombros lhe puzerão;
E a grandes coizas por ſeus Reis chamado,
Tirou de ti os olhos, e o cuidado.

Debalde aprende torto corcovado
D'airoza dança os paſſos;
Em vão déſtro *Dupré*, impertigado,
Lhe puxa os curtos braços;
Em vão lhe enſina as leis da ligeireza;
Não mudão ſabias mãos a natureza.

Lyra infeliz, debalde ſe atropella
A força dos Deſtinos;
A minha infauſta, ſanguinoza eſtrella
Influio nos teus hymnos;
Que effeito ha de fazer teu ſom ſereno,
Se da mão que o tirou leva o veneno?

De baixos verſos ſegue o vil fadario,
Diverte a rude gente;
Pinta longevo, tonto Boticario,
De dois dados pendente,
Que alçando a fraca mão, bate nas pernas,
Porque inda a tempo vio deitar *quadernas.* *

Tu não tens doces vozes moduladas,
Que os manſos ares talhão;
As nove Irmans, por ti tanto invocadas,
De tuas Odes ralhão;
Debalde lhe pediſte o ſanto fogo,
São máos teus verſos, porque eſquecem logo.

Neſte dezerto funebre te arrojo,
E de ti me envergonho;
Fica, dos ventos mízero deſpojo,
Neſte ſitio medonho,
De lúgubres cypreſtes aſſombrado,
A' ſolidão, e á noite conſagrado.

Fa-

* Tem aluzão ao Soneto n. 36.

Fará éco dos montes na quebrada
O ſom, que ao vento eſpalhas;
Do curvo bico te verás picada
Das agoireiras gralhas;
E cuberta de ſecco, unutil funxo,
Manjar ſerás do roedor carunxo.

Se alguma vez ao pé deſte dezerto,
Onde o campo verdeja,
Vieſſe reſpirar hum ar aberto
O Claro, o Illuſtre Angeja,
E ao ſocego dos campos conſagraſſe
Hum-hora, em que aos Empregos ſe furtaſſe:

Se vieſſe eſte dia que appeteces,
Então não te acovardes,
Imita, para ver ſe o interneces,
A Lyra de Bernardes;
E em quanto for paſſando, ó triſte Lyra,
Em lugar de tanger, geme, e ſuſpira.

ME-

MEMORIAL

A Sua Alteza.

SEnhor, ſenão he injuſto,
Que hum triſte afinando a Lyra,
Entre eſperanças, e ſuſto
As canſadas cordas fira
Ante Vós, Principe Auguſto:

Nos ſons que ella der ao ar
Irão meus ais de miſtura;
E dignai-vos de eſcutar
Deſconcertos da ventura,
Que Vós podeis emendar.

Em náda á verdade falto,
A dor me aviva a memoria;
E por não entrar de ſalto,
Deixai, Senhor, que eſta hiſtoria
Tome o fio de mais alto.

En-

Entre faixas de pobreza
Meus triſtes Pais me envolvêrão;
Deſde então, em crua empreza,
Contra mim as mãos ſe derão
A Fortuna, e a Natureza.

Da terna Mãi abraçado,
Fui em ſilencio profundo
Com triſte pranto banhado;
Já antevia, que o Mundo
Tinha mais hum deſgraçado.

Meu bom Pai debalde quiz
Enxugar-lhe o pranto ardente,
Que ella, alçando-me, me diz:
= Vem, ó Victima innocente,
De hum amor caſto, e infeliz:

Toma os triſtes cabedaes,
Em que teu fado te lança;
Toma pranto, e inuteis ais,
Entra na funeſta herança
De teus deſgraçados Pais.

Mas, Senhor, he pouco avizo
Reaes ouvidos magoar,
Mudar de eſtilo he precizo;
E ſe a dor me der lugar,
Unirei pranto com rizo.

Depois que plano caminho
Já meu pé trilhando vai,
Pobre Alfaiate vizinho
De hum capote de meu Pai
Me engenhou hum capotinho:

Talhando a obra, maldiz
A empreza, que lhe incumbírão,
Fez nigromancias com giz,
Sete vezes lhe cahírão
Os oculos do nariz:

Sua obra ſe conſagre
No portal das Barraquinhas
Com groſſas letras de almagre;
Tapou geiras, paſſou linhas,
Fez hum capote, e hum milagre:

Colxete no cabeção,
Sahi novo Adonis bello,
Figa no coz do calção,
Carrapito no cabello,
E hum biſcoitinho na mão:

Sobre ſizudo Gallego,
Que vaza barril fiado,
Já aos trabalhos me entrego;
E em triſte pranto lavado,
A' porta de hum Meſtre chego:

Debalde o bom mariola
Doirava razões pequenas;
Minha dor não ſe conſola,
Preſagio talvez das penas
De outro tempo, e de outra Eſcola.

Entre medos, e violencia
Entrar no Latim já poſſo,
E jurei obediencia
A hum Clerigo, que era hum poço
De tabaco, e de ſciencia:

D'en-

D'entre o ſordido roupão,
Com a pitada nos dedos,
E o Madureira na mão,
Revelava altos ſegredos
Do Adverbio, e Conjunção.

Era em Grammatica abyſmo,
Honrava o Seculo noſſo;
Porém de tal rigoriſmo,
Que poz na rua o ſeu Moço,
Por lhe ouvir hum ſoleciſmo.

Entre o Jota, e o *I* Romano,
Que differença ſe achaſſe,
Trabalhava havia hum anno;
Obra, que ſe elle a acabaſſe,
Feliz do Genero humano!

Em quanto a minha alma emprégo
Neſtas canſadas doutrinas,
A' doirada idade chego
De ir ver as vaſtas campinas,
Que banha o claro Mondego.

Co' as cabeças mal compoſtas,
Vejo entre goſtos, e medos,
Mãi, e Irmans á aduſa poſtas;
Chovião Cruzes, e Credos
Sobre as minhas bentas coſtas.

Já em rapidas carreiras
Calcava a real eſtrada,
Sem chapeo, ſem eſtribeiras;
Já a catana empreſtada
Cortava o vento, e as piteiras.

Curta, embrulhada quantia,
Que ao deſpedir me foi dada,
Eſpirou no meſmo dia;
E fui fazendo a jornada
Quazi com Carta de Guia.

Mas já vejo a branca fronte
Da alta Coimbra, fundada
Nos hombros de erguido monte;
Já ſobre a arêa doirada
Vejo ao longe a antiga Ponte.

Povo revoltozo, e ingrato
Dentro em ſeus muros encerra,
Em vão de adoçallo trato;
He hum titulo de guerra
A chegada de hum Novato.

Pão amaſſado com fel,
E envolto em pranto, comia;
Levei vida tão cruel,
Que peior não a teria,
Se foſſe eſtudar a Argel.

Soffri contínua tortura,
Soffri injúrias, e aſſintes,
Lancei tudo em eſcritura;
E nos Novatos ſeguintes
Fiquei pago, e com uzura.

Da bolſa os bofes lhe arranco
No freſco patéo de Cellas,
Pedindo com genio franco
Doces, gratuitas tigellas
Do famozo manjar branco.

Sete annos de verde idade
Fui mettendo a déſtra mão
Em multas deſta entidade;
Chamou-ſe boa feição,
Mas era neceſſidade.

Achava-me ſempre o dia
No tecto os olhos pregados;
A ſagaz Economia,
Revoando nos telhados,
Ao conſelho prezidia.

Gemer em ſegredo pude;
Que o bom Pai, faltó de meios,
Quanto cheio de virtude,
Só mandava nos Correios
Novas da ſua ſaude.

Quiz de taes ondas ſahir,
E algum bom porto afferrar;
Quiz ao Público ſervir,
E mandárão-me enſinar
As regras de perſuadir.

Triſte, enganoza Sciencia!
Dão-lhe louvores, mas falſos;
Dizem que póde a eloquencia
Ir tirar dos cadafalſos
A perſeguida innocencia:

Que chega do peito ao fim,
Que arranca forçado pranto;
Mas, Senhor, não he aſſim;
Eſta Arte, que louvão tanto,
Só me faz chorar a mim:

Pende da hora opportuna;
Sem ella verá raſgadas
As ſoltas vélas que enfuna;
Arraſta véſtes doiradas,
E he eſcrava da Fortuna:

Não a vejo em mim fruſtrada,
Só porque pouca me coube,
De ſi meſma he mal fadada;
A lingua que mais a ſcube,
Foi em Roma retalhada.

Dezeſeis annos gaſtados
Já no ingrato officio vão;
Triſtes verſos, mal limados
Puz na voſſa Auguſta Mão,
Em dor, e em pranto forjados:

Nelles, Senhor, vos contei
As minhas longas fadigas;
Hoje o meſmo não direi,
Nem co' as lagrimas antigas
Os voſſos pés banharei.

Para nova, e juſta dor
Peço hoje a voſſa piedade;
Preſtai-lhe ouvidos, Senhor,
Funda-ſe na humanidade,
Merece o voſſo favor.

Rotos os laços do Mundo,
Entre palavras truncadas,
Que bem moſtrão d'alma o fundo,
Orfans em pranto banhadas
Me entrega o Pai moribundo.

Filhas, já o eſpirito cai;
Já o ſangue gela, e canſa,
Meus frios olhos cerrai,
Ahi tendes a voſſa herança,
Ahi tendes o Irmão, e o Pai:

Eu, entretanto, ſuſpiro;
Sobre o pranteado leito
D'entre os braços o não tiro;
Quebrou junto do meu peito
O ſeu ultimo ſuſpiro.

Senhor, de meios ſou falto;
Mas do Pai, que aos Ceos ſubia,
Em nada aos preceitos falto;
Debaixo da campa fria
As cinzas me fállão alto:

Vai com mão igual cortado,
Entre os Irmãos infelizes,
Pão com lagrimas ganhado,
Que ſem os fazer felizes,
Me deixa a mim deſgraçado:

Se nos Officios ſe approva
Haver augmento, e progreſſo,
Não haja tarifa nova;
Não ſeja o meu duro acceſſo
Da Cadeira para a cova:

Antes que me adorne a fronte
Barrete felpudo, e denſo;
E ao Sol no alpendre do Monte,
Esfregando o creſpo lenſo,
Cazos do meu tempo conte:

Antes que as forças ſe vão,
E que eu viva agazalhado,
Boldrié ſobre o roupão,
N'uma Botica ſentado,
Vendo jogar o Gamão:

Antes que entre vís ſequazes,
Sendo victima irrizoria
De mil galopins vorazes,
Em lugar da Palmatoria,
Dê co' bordão nos Rapazes:

Tende dó do meu lamento,
Pois que benigno o efcutais;
A piedàde, e o acolhimento
São dos Corações Reaes
O mais honrozo ornamento:

Pobres, chorozos Irmãos,
Que em mim tem debil columna,
Não êrgão dezejos vãos,
Vejão na minha fortuna
A obra das voffas mãos:

Proteger a cauza honefta,
Ter dos triftes dó profundo,
Trocar-lhe a forte funefta;
Senhor, a gloria do Mundo,
Ou a não ha, ou he efta.

Mas já longa narração
Vai levando longe a méta;
Já parece, e com razão,
Mais que papel de Poeta,
Ou Teftamento, ou Sermão.

Minha dor me fez fallar;
Fiz queixas afsás compridas;
Dignai-vos de defculpar,
Que moftre o enfermo as feridas
A quem lhas póde farar.

ME-

MEMORIAL.

Offerecido ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Visconde de Villa Nova da Cerveira, depois Marquez de Ponte de Lima.

SEnão desprezais, Senhor,
As valias que hoje levo,
Que são lagrimas, e dor,
A supplicar-vos me atrevo
Queirais ser meu Protector.

Minhas súpplicas não tem
Das Leis o direito austero;
Apprezentar-se hoje vem,
Não ao Ministro severo,
Sómente ao homem de bem:

Vão sobre o dó, e a verdade
Meus singelos rogos feitos;
He meu Juiz a Piedade,
Vem fundados meus direitos
Sobre as leis da humanidade.

Sá de Miranda, em quem vi
Que de Jove as loiras Filhas
Abrigára junto a si,
E em quem das doces Quintilhas
Sómente a rima aprendi:

Quiz que hum dia o seu bom Rei
Perca com elle meia hora;
Menos tempo pedirei;
E alguns Instantes agora
Comigo, Senhor, perdei.

De mil trabalhos cortado,
E de longos annos cheio,
Pai tão velho, como honrado,
Pôr sobre os meus hombros veio
Da pobre caza o cuidado.

Acceita, ó Filho, me diz,
Este pezo triste, e honrozo;
Já ao Ceo mil votos fiz,
Que possas ser tão ditozo,
Quanto eu fui sempre infeliz:

Pas-

Passei meus cansados dias
Sobre os mais filhos chorando;
Entre tanto tu crescias;
Já de longe esp'ranças dando,
Que de Pai lhes servirias:

Na longa desgraça minha
Ternamente os abraçava;
Em doce paz os mantinha;
E muitas vezes lhes dava
Consolações, que eu não tinha:

Filhos nascidos em dor,
Nascidos para infelizes,
Sou vosso Pai só no amor;
Eu quiz deixar-vos felizes,
Ninguem acertou peior;

Mas desta dor importuna
Sómente os Fados culpai;
Quiz ser a vossa columna;
Intentallo he do bom Pai,
Sêllo, ou não, he da fortuna:

Trifte velhice, e pobreza
Tirão-me a obra da mão;
Toma tu, ó Filho, a empreza,
Toma a honroza obrigação,
Que eu te ponho, e a Natureza:

Queira o Ceo que certas faças
As antigas efperanças
Do trifte velho que abraças;
Que não deixa mais heranças,
Que honra inutil, e defgraças.

A trifte falla acabou,
Que nós em filencio ouvimos;
A todos nos abraçou,
Doces lagrimas lhe vimos;
Com que à natureza honrou.

Senhor, fe a fiel pintura,
Com que a minha fraca mão
Efta fcena vos figura,
Move em voffo coração
Sentimentos de ternura;

Ani-

Animai o júſto ardor,
Em que ſe accende o meu peito;
Fazei que eu poſſa, Senhor,
Ser do paternal preccito
Hum fiel executor.

Se eu dar cumprimento quiz
A quanto o bom Pai diſpunha;
Se em fim, quanto pude, fiz,
Sede vós a teſtemunha,
Como foſtes o Juiz.

Moças Irmans deſvalidas,
A quem dou pobre ſuſtento,
Forão por vós deferidas;
Vivem em ſanto Convento
Dignamente recolhidas.

Pão com lagrimas ganhado
Lhe adoça a dura pobreza;
Por mim ao meio cortado
Lhe vai da ſingela meza
Com sãos dezejos mandado.

Quem

Quem tem riqueza infinita,
E farta aos ſeus os dezejos,
Só de máo o nome evita;
Ninguem deve ter ſobejos,
Em quanto ha quem neceſſita;

Mas eu pobre, e deſgraçado,
Sou dos Irmãos a columna;
Sou infeliz, mas honrado;
Dom aſſima da fortuna,
Por iſſo o não tem levado.

Auſtera Filoſofia
Dentro de meu peito mora;
Sendo eu ſó, a ſeguiria;
Mas triſte familia chora
Pelo pão de cada dia.

De inuteis lagrimas cruas
Ver os Sobrinhos banhar
As mimozas carnes nuas,
E ir ſómente miſturar
Minhas lagrimas co' as ſuas;

Era dar rédea á impiedade,
Com que a desgraça os opprime;
Pelas leis da humanidade
Não está longe de crime
Humaocioza piedade;

Dai-me vós, Senhor, a mão,
E nesta obra ajuntemos,
Vós poder, eu coração;
Huma familia tiremos
De mizeria, e de afflicção.

Nosso Bemfeitor sereis;
E matando crua fome,
De bom Pai nos servireis;
De Pai o sagrado nome
Na boca nos ouvireis;

Não uzar palavras dobres,
Não ajudar com mão parca
Os desvalidos, e os pobres,
He, Senhor, a honroza marca
D'almas, como a vossa, nobres.

Mas onde as vélas infuno?
Talvez já tenho abuzado
Do escasso tempo opportuno;
Fez-me a sorte desgraçado;
Mas não me faça importuno.

São mágoas, vim repetillas,
Possa a piedade escutallas;
Gastareis, depois de ouvillas,
Menos tempo em consolallas,
Do que eu puz em referillas.

MEMORIAL

Offerecido ao Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Senhor D. Diogo de Noronha, hoje Conde de Villa Verde.

ILL.MO E EXC.MO SENHOR

AS proveitozas lições dos noſſos dois Portuguezes Bernardim Ribeiro, e Franciſco de Sá de Miranda, com que V. EXCELLENCIA fazia uteis ao ſeu eſpirito aquellas horas, que a natureza, e muito mais a moleſtia, lhe tinhão deſtinado ao deſcanço do corpo, creárão inſenſivelmente no meu coração amor a eſta eſpecie de Poezia, na qual os ſeus Authores ſouberão tratar a alteza de penſamentos, e de ſolida Filoſofia, de que vão cheios os ſeus Livros, em hum eſtilo facil, e deſaffectado, e em huma linguagem verdadeiramente Portugueza, que parece fugio de nós com os bons Authores, que então a fallárão.

V. EXCELLENCIA me fazia a honra de mandar, que eu lhe lêſſe eſtes dois

pre-

preciozos Livros; e a Muza, que prezide ás minhas trovas, affeita áquella lição, rimou em Quintilhas, e carregou de moralidades, talvez intempestivas, o Memorial, que ponho nas mãos de V. EXCELLENCIA com muito respeito, e com muitas esperanças.

Os meus Versos, que nunca forão bons, soaráõ agora muito peior nos ouvidos de V. EXCELLENCIA, bem costumados áquellas doces Poezias, as melhores que no seu genero ennobrecêrão o nosso bom Seculo de Quinhentos; mas como neste papel faço a figura de Poeta, e de Pertendente, contento-me de que V. EXCELLENCIA, já que não póde achar doçura nos meus Versos, ache justiça no meu Requerimento; e espero do seu benigno coração, que o homem infeliz ache hoje aos pés de V. EXCELLENCIA aquelle acolhimento, que não deve esperar o máo Poeta. Isto dezeja, Senhor, e isto espera

De V. EXCELLENCIA

O Criado mais humilde, e mais Venerador.

Lu-

LUctando em crua peleja
Com meu fado esquivo, e duro,
Que derribar-me dezeja,
Busco hum azilo seguro
Na Illustre Caza de Angeja:

A tão bom porto acolhido
Me vedes, Senhor, diante,
Qual co' molhado vestido
Surge triste naufragante,
Quazi das ondas comido:

A vossos pés ajoelho,
Moço Illustre, amparo nosso,
Que dentro em Real Conselho,
Mostrais com annos de moço,
Maduro saber de velho:

Ministro prudente, e inteiro,
Que no Tribunal entrando,
Por dar o passo primeiro,
Vos ides já costumando
A ser de Reis Conselheiro:

Amparar os desditozos,
Dar aos cahidos a mão,
Pôr nelles olhos piedozos,
He antiga obrigação
Dos Grandes, e Poderozos:

Em douto Livro aprendi,
Que o Grande ao Pequeno erguia;
Não nasce homem para si;
Tão santa Filozofia
No Sá de Miranda a li:

Pois que corre em vosso peito
Sangue, que de Reis correo,
Para fazer bem sois feito;
Vossa grandeza me deo
Sobre vós este direito:

Fazer com que hum triste possa
Por vós mais feliz viver;
Ter dó da desgraça nossa,
He o sublime prazer
D'almas grandes, como a vossa:

Em vós meſmo aprender vim
Principios deſta doutrina;
Para a levardes ao fim,
Achareis materia dina,
Illuſtre Senhor, em mim:

Não achais hum malfeitor,
Que fuja ao juſto caſtigo;
Não infame matador,
Que em peito do bom amigo
Cravaſſe punhal traidor:

Achais ſim hum deſgraçado,
Que ſeus males vos deſcobre;
E em quem ajuntou ſeu fado
Aos incommodos de pobre
As obrigações de honrado:

Irmans com tenras crianças,
Chorando pranto innocente,
Que enxugão co' as ſoltas tranças,
Põem em mim inutilmente
Os olhos, e as eſperanças:

Orfans de Mãi, e Donzellas,
Chorão-me outras de redor;
Em vão me condoo dellas;
O ſeu triſte bemfeitor
He outro infeliz como ellas:

Meus injuſtos, negros Fados,
Dias funeſtos me urdião,
Tão triſtes, tão deſgraçados,
Que das Parcas, que os tecião,
Oxalá foſſem cortados!

Mas o deſtino avarento
Não poderá derribar-me,
Nem cumprir ſeu duro intento,
Se em vós não puder tirar-me
A piedade, e o acolhimento:

E ſenão for importuna
A petição que eſcutais,
Servi-lhe vós de columna;
O partido não ſigais,
Que tem ſeguido a Fortuna:

Prometteo-me prompto abrigo,
Levantou-me o penſamento,
Forão promeſſas de imigo;
Erão fundadas no vento,
O vento as levou comſigo:

Tenho a voſſo Pai contado
Quanto vivo contrafeito;
Não tenho ſido eſcutado;
Mas ſer-lhe-ha meu rogo acceito,
Se lhe for por vós levado:

Dizei-lhe, Senhor, quaes são
Minhas forças, ſe as achais;
Mas comece a informação
Por lhe dizer, que me honrais
Com a voſſa protecção:

Eu nada certo lhe peço,
São vagas minhas eſp'ranças;
Quanto elle póde, conheço,
E livre-me de crianças,
Se compaixão lhe mereço:

Se ante os Reis, ſeu voto dando,
São ſuas razões acceitas,
Meu nome lhe ide lembrando,
Ou para coizas já feitas,
Ou para as que for creando:

Pedi-lhe pois que tolere
Meu rogo triſte, e teimozo;
Que eſtou n'hum lugar, pondere,
Meſquinho, ainda que honrozo,
E onde nada ha que eſpere:

Embebido em eſperanças,
Fraco Piloto põe peito
A's ondas bravas, ou manſas;
E em campo ſem parapeito
Eſpera o Soldado as lanças:

Não dezejar, he baixeza;
Sempre o humano coração
Quer ſubir a mór alteza;
Eſta univerſal paixão
He filha da natureza:

Se eu viſſe no fiel eſpelho
Já meu cabello nevado;
Se foſſe Clerigo velho,
Que enxuga, á porta ſentado,
O lenço ſobre o joelho:

Teimozo Grammaticão,
Que em longo xambre embrulhado,
Co' a douta penna na mão,
Dá á luz groſſo Tratado
Sobre as leis da *Conjunção*:

Que arranca o cabello hirſuto,
Laſtimando a decadencia
Do novo mundo corrupto,
Que quer negar a exiſtencia
Ao Ablativo Abſoluto:

Se eu carregaſſe a memoria
Deſtas, e outras ninherias,
De que eſtes taes fazem gloria,
Vivêra em paz os meus dias
Prezo a huma Palmatoria:

Ou-

Outros meus espritos são;
E se de forças sou falto,
Não o sou de coração;
Erguerei vôo mais alto
Se vós me derdes a mão:

Senhor, eu tenho acabado;
Já da mão a penna cahe;
Feliz se o meu Verso ouzado
For de vosso Illustre Pai
Benignamente escutado:

Vós ambos não me estranheis
De meu Verso a rima fria;
Por baixa não a engeiteis,
Que nesta mesma Poezia
Se tem escrevido a Reis:

Não tenho sido o primeiro,
Que a Grandes taes Versos manda;
Nelles com juizo inteiro
Escreveo Sá de Miranda
Ao bom Rei Dom João Terceiro:

Não

Não o imito na belleza,
De que elle os ſoube adornar;
Falta-me arte, e natureza;
Mas pude delle imitar
A verdade, e a ſingeleza.

O BILHAR.

SATYRA.

POr fugir da cruel melancolia,
Que a eſtragada cabeça me atropella,
Largando o pobre leito, em que jazia,
Fui ſentar-me n'hum canto da janella;
Dalli pela miuda gelozia,
Eſpreitando, qual tímida Donzella,
De tudo quanto vi te darei parte,
Se a tanto me ajudar engenho, e arte.

Mora defronte roto Guriteiro,
Com jogo de Bilhar, e Carambola;
Onde ao Domingo o lépido Caixeiro
Co' a loja do Patrão vai dando á ſola;
Gira no lizo, verde taboleiro,
De Indiano marfim laſcada bola,
Erguendo aos ares perigozos ſaltos,
Chamão-lhe os Meſtres d'arte *Truques Altos.*

Al-

Alli ſe ajunta bando de Caſquilhos,
A que o vulgo mordaz chama rafados;
Alto topéte, prenhe de polvilhos,
Que deſcalço Gallego deo fiados;
De quebrados Tafues, vadíos filhos,
Pelas vaſtas tablilhas encoſtados,
Altercão mil queſtões; promptos contendem,
Promptos decidem no que nada entendem.

Hum quer ver, enfronhado em picaria,
Silvada teſta no Andaluz Ginete;
Outro prova no chão a ponta fria
De luzidío, virginal florete;
Mais amante da paz, outro elogia
Do bom *Dupré* o airozo minuete;
E poſto em pé, para imitar-lhe os paſſos,
Altêa o peito, e vai torcendo os braços.

Aventuras de amor outro contando,
Moſtra os Eſcritos de Nerina bella,
Onde a mão adoravel foi lançando
Com penna de perum letra amarella;
Vai com trabalho o triſte ſoletrando
As tortas regras, que boçal Donzella,
De empreſtadas finezas carregára,
Que piedoza vizinha lhe dictára.

En-

Então, diz, que finissima madeixa
Lhe ondêa sobre o hombro torneado;
Alli suspira o triste, alli se queixa
De ir já sendo por ella desprezado;
Conta, chorando, que esta ingrata o deixa
Por esbelto Cadete, que rafado,
Por mais que ao Uzurario os Soldos peça,
A bolsa sempre tem como a cabeça.

Alçando mais os olhos, vi defronte
Malhando a fio rigido Banqueiro;
Que tendo já de marcas alto monte,
Hia despindo o mizero Parceiro;
Em quanto hum diz q̃ lavre, outro q̃ conte,
Sem valerem os oculos do Olheiro,
N'huma paz já vencida, hum ponto affoito,
Subtilmente lhe encaixa duas de oito.

O perito Banqueiro affronta os medos,
Tendo nas mãos em que se vá vingando;
Com cuspo milagrozo ungindo os dedos,
Vai destramente as cartas recuando;
De sciencia infernal, subtis segredos,
Com mão ligeira prompto executando,
Marcando cartas, inventando nicas,
Fazia, em vez de banca, peloticas.

Mas

Mas não se livra de subtil calote,
Que hum Velho mansamente lhe tecia;
Julgando-o todos mízero pixote,
Parolins de campanha impune erguia;
Embuçado em diáfano capote,
Por hum buraco os ganhos recebia;
Fora no *Cabra* das melhores pernas,
Hoje joga os *Tres Setes* nas tavernas.

Os rôxos olhos para o ar alçados,
Encostado na quina de hum bofête,
Pensativo Taful mordia huns dados,
Que seis vezes tirárão quatro a sete;
Com suspeitas de que erão carregados,
Em duro almofariz o triste os mette;
E a golpes de martello aberto o centro,
Por fóra são marfim, chumbo por dentro.

Mais ao longe, com pállida vizeira,
Sujo Poeta está vociferando;
Da nojoza, empeçada cabelleira,
Várias pontas de palha vem brotando;
Os papeis, que lhe pêjão a algibeira,
Vão pelo forro larga porta achando;
Faz da véstia camiza; e he collarinho
Torcido solitario pescocinho.

Fo-

Fora cem vezes em nocturno Oiteiro
Da sábia Padaria apadrinhado;
E diz-se que glozava por dinheiro;
Mas creio que atéqui não tem cobrado:
Seguindo em moço o officio de Barbeiro,
E das filhas de Jove namorado,
Abrio ao Mundo asperrima batalha,
Tanto co' a penna, como co' a navalha.

Fallou, por affectar Muza campestre,
Em surrão, e cajado muitas vezes;
Era hum flagello este tyranno Mestre
Dos ouvidos, e faces dos freguezes;
Todos os Versos lèo da Estatua Equestre,
E todos os famozos Entremezes,
Que no Arsenal ao vago caminhante
Se vendem a cavallo n'hum barbante.

De cansada, rançoza poezia
Grosso volume na algibeira andava;
Em vendo gente, logo lá corria,
E o fatal cartapacio lhe empurrava;
Acrósticos Sonetos repetia,
Que só elle entendia, e só louvava;
Punha em proza tambem muita parola,
E acabava por fim pedindo esmola.

Es-

Eſte ouvindo da turba as prozas frias,
E accezo do Parnazo em ſanto zelo,
Alçando a voz, cantou doces poezias,
Que invejou de Latona o filho bello;
Jurando que as fizera em poucos dias,
Prometteo que as havia dar ao prélo;
Mas da roda hum dos menos depravados,
Em deſconto as ouvio dos ſeus peccados.

Debalde, diz, o povo vil, perverſo
Sobre mim deſcarrega tiros rudos;
Que eu não ſó ſou Poeta deſde o berço,
Mas tambem tenho ſolidos eſtudos;
Sei que ſyllabas leva cada verſo,
E não miſturo graves com agudos;
Rompi Oiteiros em Sant'Anna, e Chelas,
Chamei Sol á Prelada, ás mais, Eſtrellas.

Co'as ſonoras palavras *Pindo*, e *Pletro*,
Ponho em meus Verſos locução divina;
E ſei, para cumprir as leis do metro,
Quanto a hiſtoria das fabulas me enſina;
Sei que dos Ceos tem Jupiter o ſceptro,
Que nos Infernos reina Prozerpina;
A' madrugada ſempre chamo Aurora,
Sempre chamo a hum jaſmim Mimo de Flora.

Sei de certo em que tempo vio o Mundo
Filhos da Terra os quatro irmãos Gigantes;
Sei finalmente conhecer a fundo
O que são consoantes, ou toantes;
Sei tudo, e unicamente me confundo
C'uns taes Versinhos, que eu não via d'antes;
Aos novos Ursos todo o povo acode,
O estilo he sybillino, o nome he Ode.

Fazellas eu, não posso, nem dezejo,
Porém sei conhecellas facilmente:
Co' as verdes mãos o serpeado Téjo
Alça o trilingue, mádido Tridente;
Mas que Gorgona filtra? eu vejo, eu vejo:
Em dizendo isto, he Ode certamente;
He filha d'arte a escuridade dellas,
He hum preceito das *desordens bellas*.

As taes poezias, que a entender não chego,
Podres palavras tem desenterrado;
Se levão nó, he tão occulto, e cégo,
Que quem quer dezatallo, vai logrado;
Dizem que imitão nisto hum certo Grego,
Gloria de Thebas, Pindaro chamado;
Se isto he assim, a sua lingua de oiro
Seria Grega, mas fallava Moiro.

Qua-

Quatro rapazes eſtendendo o panno,
Deixão as gentes ao redor abſortas;
Fallando em Venuzino, e Mantuano,
As Muzas Portuguezas põe por portas;
Aprendendo Francez, e Italiano,
E humas taes Linguas, a que chamão mortas,
Trazem com ellas perigozas modas;
Mas ainda bem que eu as ignoro tódas.

Diz hum Sabio que o Seculo prezente
Hia emendando os erros do paſſado;
Mas que das Odes a infeliz torrente
Tinha a lingua outra vez eſtropeado;
Que amontoão com mão impertinente,
Quantas palavras velhas tem achado;
Que ſe envergonhão das que uzamos todos,
E vão buſcallas muito além dos Godos.

Como a caruncho, e podridão condemna
A lição affectada dos Antigos,
Não leio Barros, Souza, nem Lucena,
Porque ſempre foi bom fugir dos p'rigos;
Ou ſempre eſcreveo mal a ſua penna,
Ou nunca os lêrão bem os taes amigos;
E por cautela, arreda, bolorentos
Ginjas fataes, do tempo de Quinhentos.

Não podem crer os Genios Luzitanos,
Que as modas, como as vidas, são pequenas;
Que já murchou esse Estro dos Romanos,
E influem sobre nós outras Camenas;
Que o Tempo tragador, volvendo os annos,
Fez cahir Roma, fez cahir Athenas;
Que jaz no pó a Iliada envolvida,
E que alça a frente a *Fenis Renascida.*

Mais hia por diante o monstro horrendo
Co' Sermão, que ninguem lhe encommendára;
Mas inimiga mão lhe foi batendo
C'hum baralho de cartas pela cara;
Era hum ponto infeliz, que estando ardendo,
No innocente Poeta se vingára;
Que não sentio o vêr-se maltratado,
Mas ter a porcos pérolas lançado.

Eis que o dono da caza espavorido,
Em castigo da sordida cubiça,
Vem com as mãos na cabeça = estou perdido,
Tenho as cazas cercadas de Justiça:
Era Domingo, e hum ponto arrependido,
Sentio então o não ter ido á Missa;
Não valem rogos seus, nem do Banqueiro,
He mais brando hum Leão, q̃ hum Quadrilheiro.

Mas

Mas já faminto Alcaide carrancudo
Grita no meio da voraz procella =
Bota cordão, *Manteiga*, agarra tudo,
E ſentido não ſaltem da janella =
Forçozo Quadrilheiro, alto, e membrudo,
Aos deſgraçados põe de ſentinella;
Sôão algemas, lanção-ſe cordões,
Cortão-ſe atrás os cozes dos calções;

. . . .

Então o triſte povo ſitiado
Faz das bolſas bandeiras de amizade;
Capitúla em dinheiro de contado,
Negocea-ſe a paz com brevidade;
Sentio-ſe o bom Esbirro laſtimado,
E aos infelizes deo a liberdade;
Pagou-lhe o Céo tão ſanto beneficio,
Jaz no Enxovia, e tem perdido o Officio.

. . . .

Eis-aqui, meu Alcino, tenho expoſto
A medicina, que me tem ſarado;
E como trazes o quebrado roſto
De lagrimas de dor ſempre inundado,
Vem vizitar-me hum dia, que eu apoſto,
Que para caza voltarás curado,
Nos coſtumes tambem; que aqui enfreias
As baldas proprias, rindo das alheias.

Poezias dos Gregos, dos Romanos, e dos Francezes, fazendo entre ellas tão justos parallelos, e fallando tanto de dentro, que me pareceria impossivel que V. EXCELLENCIA achasse tempo para os outros Estudos mais importantes, com que esclareceo o seu espirito, se eu não tivesse lido, que Cicero no meio do tumulto, e das tempestades de Roma, encarregado dos mais importantes negocios da Republica, achava tempo para ler, e disputar sobre os Poetas, e Filozofos da Grecia, e da sua Patria.

Não me valho da experiencia, que tenho do quanto V. EXCELLENCIA he dado ao estudo das boas Artes; para lhe tecer com isto hum elogio; tenho a honra de conhecer a V. EXCELLENCIA, e sei que os seus louvores serião o unico modo de se lhe fazer odioza a verdade.

Valho-me desta experiencia, Senhor, para desculpa de ir cansar a V. EXCELLENCIA com a leitura dos meus Versos. O nome de Poeta he desprezado da maior parte dos homens; fazem consistir a Poezia em número de syllabas, e na união dos

con-

consoantes, e provão com isto a futilidade da Arte: he quasi hum vicio o ser Poeta; confundem-no com o homem sem caracter, e imputão á Poezia os erros da humanidade; e por isso achei natural, que huma Arte desprezada pela ignorancia, fosse vingar os seus direitos aos pés de V. EXCELLENCIA.

Os meus Versos terão o succesfo de desagradarem a V. EXCELLENCIA, por serem máos; mas por serem Versos, he impossivel que sejão leitura odioza a quem decorou, e analyza os Poetas de Augusto, e de Luiz XIV.

Para Protector dos Versos, que offereço, não procurei só em V. EXCELLENCIA o Homem de Letras, procurei tambem o Ministro de Estado. Vejo a Europa em armas; oiço o flagello da guerra ao redor dos confins da minha Patria; e pareceo-me que não desaprovaria a Sátyra da Guerra aquelle Ministro habil, que debaixo das direcções dos seus Soberanos, intenta, e consegue, manter huma paz profunda no meio dos fogos das Nações armadas.

E

E eu abençoarei este trabalho de meu curto engenho, se V. EXCELLENCIA se dignar de pôr benignamente os olhos sobre elle, e sobre o seu Author, o qual he

De V. EXCELLENCIA

O Criado mais humilde.

A GUERRA.

SATYRA.

Muza, pois cuidas que he sal
O fel de Authores perversos,
E o Mundo levas a mal,
Porque lêste quatro Versos
De Horacio, e de Juvenal:

Agora os verás queimar,
Já que em vão os fecho, e os fumo;
E leve o voluvel ar,
De envolta co' turvo fumo,
O teu furor de rimar:

Se tu de ferir não cessas,
Que serve ser bom o intento?
Mais carapuças não teças;
Que importa dallas ao vento,
Se podem achar cabeças?

Ten-

Tendo as Sátyras por boas,
Do Parnazo nos dois cumes,
Em hora negra revoas;
Tu dás golpes nos costumes,
E cuidão que he nas pessoas:

Deixa esquipar Inglaterra
Cem Náos de alteroza popa;
Deixa regar sangue a terra;
Que te importa que na Europa
Haja paz, ou haja guerra?

Deixa que os bons, e a gentalha
Brigar ao *Cazaca* vão; *
E que em quanto a turba ralha,
Vá recebendo o balcão
Os despojos da batalha:

Que tens tu, que ornada historia
Diga que peitos ferinos,
Em sanguinoza victoria,
Inhumanos, assassinos,
São do Mundo a honra, e a gloria?

As

* Loja de Café.

As guerras precizas são;
Nellas a paz se assegura;
Não mettas em tudo a mão;
Muza louca; por ventura
Encommendão-te o Sermão?

Deixa que o roto Taful,
A quem na Patria foi mal,
Vá cruzar de Norte a Sul;
Cubrão-lhe o corpo venal
Tres palmos de panno azul:

Deixa que em tarimba estreita
O desperte a Aurora ingrata;
Q'o duro Cabo, que o espreita,
O faça, ao som da xibata,
Virar á esquerda, e á direita:

Deixa-lhe em sangue envolver
Duro pão, que lhe dá Marte;
E para poder viver,
Deixa-lhe aprender esta arte
De matar, e de morrer:

Vá junto á queimada Zona
Arvorar, em rotos muros,
O Eſtendarte de Bellona;
Calejem-lhe os hombros duros
As correias da patrona;

Vôe-lhe aos ares hum pé;
Sobre o outro, com valor,
A Plutão cem mortos dê;
Arda de raiva, e furor,
Sem nunca ſaber porque;

Sem cauza entre dentes trazes
A grande arte das batalhas;
Murmurão dos ſeus ſequazes;
E quando da guerra ralhas,
Outra com a lingua fazes;

Dizes que huma guerra acceza
He theatro de impiedade;
Chamas-lhe crua fereza,
Flagello da humanidade,
Triſte horror da natureza;

Pin-

Pintas hum bravo Guerreiro,
E a meus olhos vens mostrallo,
Para ferir mais ligeiro,
Mettendo o ardente cavallo
Sobre o exangue companheiro:

A hum lado, e a outro lado
A morte mandando vai
Co' sanguinozo traçado,
Até que elle mesmo cai
De hum pelouro atravessado:

Co' as cabeças abatidas
Vão de ferro vil marcados,
Maldizendo as tristes vidas,
Mil cativos manietados,
Vertendo sangue as feridas:

Entre horrorozos troféos
O General deshumano
Manda falso incenso aos Ceos;
E de espalhar sangue humano
Vai dando louvor a Deos:

Di-

Dizes que se compra Quina,
Porque altas sobres desterra;
E que em Collegios se ensina,
Em huma Aula, a Arte da guerra,
Em outra, a da Medicina:

Que no frio, vasto Norte,
Cem *Boerhaves* eloquentes
Enchem de oiro o cofre forte,
Porque perdidos doentes
Arrancão das mãos da morte:

Que alli mesmo grosso fruto
Colhe *Saxe* entre os Soldados,
Porque em minado reducto
Fez voar despedaçados
Dez mil homens n'hum minuto:

Tirando então consequencias,
Zombar dos homens procuras,
E das suas vans sciencias;
Sempre cheios de loucuras,
E cheios de incoherencias:

Se a paz, em dias felizes,
A' cara Patria os conduz,
Dizes que estes infelizes
Mostrão, rindo, os peitos nús,
Cortados de cicatrizes;

Que este reconta aos parentes
Como em perigozo passo,
Zunindo balas ardentes,
Huma lhe quebrou hum braço,
Outra lhe levou os dentes:

Que outro, da perna cortada
Abençoa a horrivel chaga,
Porque ao peito pendurada
Trará algum dia, em paga,
Inutil fitta encarnada:

Dizes que entre os animais
Prohibe guerras o instincto;
E que surdo á tristes ais,
Vês com horror o homem tinto
No sangue dos seus iguais:

Muza, não discorres bem;
Pois se huns com os outros cabem,
E juntos a hum pasto vem,
He só porque inda não sabem
A virtude que o oiro tem....

Por preciozos metaes
Não põe peito a bravos mares;
Traze exemplos mais iguaes;
Sabios homens não compares
Com os brutos animaes:

Trazem focinho no chão,
E nós sempre ao alto olhamos;
Temos em dote a razão;
E por isso levantamos
Huns contra os outros a mão:

Se os homens se não matassem,
E impunemente crescessem,
Póde ser que não achassem
Nem fontes de que bebessem,
Nem campos que semeassem:

Em

Em vão febres inimigas
Os mirrados corpos gastão;
Tornão as forças antigas;
E está visto, que não bastão
Nem malinas, nem bexigas:

Travem-se cruas batalhas;
Arrazem batidos muros;
Os Soldados de quem fallas,
Adornem-lhe os membros duros
Grossas, tresdobradas malhas:

Sabe que mil males faz
A molle tranquillidade;
E que em seu seio nos traz
Brando luxo, e ociozidade,
Damnozos filhos da paz:

Que nos cauza occultos damnos,
Fingindo rosto innocente;
Que a guerra de largos annos
Conservou antigamente
A innocencia dos Romanos:

Que

Que em quanto ao duro exercicio
Erão seus corpos affeitos,
E da paz não houve indicio,
Não lavrava nos seus peitos
Mortal peçonha do vicio:

Não havia mãos profanas,
Erão suas almas sans;
E nas simplices cabanas
Fiavão grosseiras lans
As castas Moças Romanas:

Fez Jano os Povos amigos;
Inerte ocio os peitos toma;
Cos' combates, cos' perigos
Forão-se, ó austera Roma,
Os teus costumes antigos:

Entre ás Nações socegadas
Sabe que o ocio arreigado,
E as paixões em paz creadas,
Fazem mais sangue no Estado;
Do que os gumes das espadas:

Deixa pois haver queixumes;
Mettão-ſe Armadas no fundo,
Accenda a guerra os ſeus lumes;
Que aſſim tornará ao Mundo
A innocencia dos coſtumes:

A intacta fé, a verdade
Venhão com as baterias;
Deſça do Ceo a Amizade;
E torne a doirar os dias
De Saturno a antiga idade:

Muza vã, que em ti não cabes,
Os guerreiros arraiais
Nem vituperes, nem gabes;
E não te mettas já mais
A fallar no que não ſabes:

Haja bloqueio, haja aſſédio;
O ſangue humano eſpalhado
Nem ſempre te cauze tédio;
Que em boa dóze tomado,
Té o veneno he remedio:

Deixa ir o Mundo seu passo;
E contra si mesmo armado
Córte c'hum braço o outro braço;
Pôe na bocca hum cadeado,
Faze o que eu mil vezes faço:

Emprega melhor teu canto;
E pois queres que te louvem,
Mão das Sátyras levanto;
Poezias que os homens ouvem,
Hum com rizo, e cem com pranto:

De bons annos na funçâo
Leva a Filis fria gloza;
Beija-lhe a nevada mão;
Chama-lhe Venus formoza,
Inda que seja hum dragão:

Eglogas tambem dão fama;
Falla em çurrão, e em curral;
E do vulgo os olhos chama
Nas paredes do Arsenal,
Cheia de applauzo, e de lama:

De Gallegos rodeada
Aos Ariſtarcos eſcapa;
Té que das Tendas chamada
Sejas protectora capa
De manteiga, e marmellada.

OS AMANTES.

SATYRA.

Offerecida aò Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Marquez de Angeja Dom Jozé de Noronha.

ILL.MO E EXC.MO SENHOR

OS dias tristes, de que vejo ir cheia a melhor parte da minha vida, me influírão insensivelmente o amor da Poezia; em quanto ordeno as minhas trovas, fujo de mim, e esquivo-me com ellas ao pezo dos meus cuidados: a imaginação cansada de objectos que a affligem, busca, para distrahir-se, o commercio das Muzas; e os Versos que alguma vez fizerão rir os ouvintes, tinhão a origem nas lagrimas do seu Author.

Hoje, Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor, motivo mais alto, qual he o dezejo de agradar a V. EXCELLENCIA, me

fez

fez emprehender a prezente Sátyra. Os meus Verſos achárão o ſeu Mecenas: V. EXCELLENCIA ſe digna de os louvar, e de os proteger; e hum voto de tanto pezo, alvoroçando a minha Muza, a faz correr, talvez ſem tino, atrás de huma Protecção, que tanto a honra.

Repeti os Verſos antigos; e a primeira vez que me apprezentaſſe a V. EXCELLENCIA, tinha de apparecer com as mãos vazias: intentei Poezia nova; lembrou-me que hum Fidalgo moço, a quem a Filozofia temperára ſempre os fogos da mocidade, e que affaſtando do amor os crimes, faz delle mais huma virtude, gozaria melhor do ſeu triunfo, pondo-lhe aos olhos huma pintura fiel do amor mal entendido.

Como o meu intento era divertir a V. EXCELLENCIA, ajuntei o prazer á Filozofia da Obra, e tracei huma Sátyra: eſte nome aſſuſta o Vulgo ignorante; confunde as Sátyras com os libellos infamatorios; as que ha deſta natureza, são hum crime do Poeta, que quer emendar erros, fazendo mais hum; das melhores coizas ſe

pó-

póde uzar mal: a efpada nas mãos do affaffino, he o efcandalo da humanidade; nas mãos do Soldado fiel, he a guarda do Throno, e das Leis: V. EXCELLENCIA fabe que a fevera Athenas prohibindo a Sátyra da Comedia antiga, e média, levantou Theatros para a nova, porque expunha á irrizão do povo os vicios, fem apontar os homens. O rizo não implica com a doutrina: Platão, e Horacio caminhárão por eftradas diverfas; mas ambos forão Filozofos, ambos inftruírão os homens; imitando-os na tenção, me animei a ordenar, e a offerecer a V. EXCELLENCIA huma Sátyra, que fe excitar rizo em huns, não o tira das lagrimas de outros; e V. EXCELLENCIA confinta que a minha Muza humilde ponha efte tributo de agradecimento nas mãos bemfeitoras do Protector que a honra: ifto pede, Senhor,

De V. EXCELLENCIA

O Criado....

OS

OS AMANTES.

SATYRA.

AMor, he falſo o que dizes;
Teu bom roſto he contrafeito;
Tenta novos infelizes;
Que eu inda trago no peito
Mui freſcas as cicatrizes:

O teu mel, he mel azedo;
Não creio em teu gazalhado,
Moſtras-me em vão roſto ledo;
Já eſtou muito eſcaldado,
Já d'aguas frias hei medo:

Teus premios são pranto, e dor;
Chóro os mal gaſtados annos,
Em que ſervi tal Senhor;
Mas tirei dos teus enganos
O ſahir bom Prégador:

Far-

Fartei-te afsás a vontade;
Em vãos fufpiros, e em queixas
Me levafte a mocidade;
E nem ao menos me deixas
Os reftos da curta idade?

És como os cães esfaimados,
Que comendo os troncos quentes,
Por deftro Negro esfolados,
Lévão nos ávidos dentes
Os offos enfanguentados?

Bem vejo aljava doirada
Os hombros nús adornar-te;
Amigo, muda de eftrada;
Põe a mira em outra parte,
Que daqui não tiras nada:

Bufca algum fofo Morgado,
Que folto já dos Tutores,
Ao Domingo penteado,
Vai dizendo á toa amores
Pelas pias encoftado:

Que em ſizuda caza honrada,
De papeis nunca avarento,
Dá com mão refalſeada
Eſcritos de Cazamento,
Ora á Filha, ora á Criada:

Genealogico comprado
Lhe concede, a pezo d'oiro,
Em Caſtello imaginado,
Cabeça de fuſco Moiro,
Sobre Eſcudo golpeado:

Arvores de geração
Em pergaminho enrolado,
Provas innegaveis são;
He hum ramo deſgraçado
De antigos Reis de Aragão:

Dando ao moxila o lazão,
De Filis a eſcada embóca,
Sempre em ar de protecção;
Alvo palito na bôca,
Branda varinha na mão:

Zom-

Zomba dos falſos Brazões,
Que não são no berço achados;
E diz á Moça as razões
De ter no Teliz bordados
Dois Cães, e quinze Leões;

As hiſtorias lhe declara
Daquellas guerras felizes;
E moſtra, com mão avara,
Os oſſos de dez narizes,
Que ſeu quinto Avô cortára:

Aturde a Moça boçal
Com cem Quintas, cem Commendas;
E armando hum mappa geral
Das ſuas immenſas rendas,
Vai-ſe ſem lhe dar real:

Mas ſe a teus farpões doirados
Não achas digno conſumo,
E os julgas mal empregados
Neſtas cabeças de fumo,
Neſtes peitos altanados,

Buſ-

Buſca algum novel basbaque,
Que por pobre não ſahia,
Mas já mette o bairro a ſaque,
Depois que engenhoza Tia
Lhe armou de huma ſaia hum fraque:

Que gravezinho namora
Com brando, e rizonho aſpeito;
Ponta de lenço de fóra;
Mólho de flores no peito,
Prenda de certa Senhora:

Que hum trapo a ſeu geito ordena,
Temendo o pó das calçadas;
E antes de entrar na Novena,
Com cuſpo, pelas eſcadas,
Vai dando aos çapatos crena:

De gêlo as pedras cubertas,
Como ás vezes me fizeſte,
Alta noite, e a horas certas,
Quando o rígido Nordeſte
Deixou as ruas dezertas;

Oiça duros aſſobios,
Precurſores de alto inſulto;
Retalhem-no ventos frios;
Ladrem ao poſtado vulto
Cem nocturnos cães vadíos:

De Paizanos ſalteado,
Ronda ſem fé, e ſem lei,
De eſpadas velhas cercado,
E ao ſom da parte de ElRei,
Por força deſembuçado:

Membrudo Cabo vermelho
O apalpe ante os mais Senhores;
Acha huma eſcova, e hum eſpelho,
Dezoito eſcritos de amores,
E hum çujo lencinho velho:

Firão teus accezos raios
Tambem na gentalha vil,
De creſtados peitos baios,
Que começando em barril,
Vão por augmento a lacaios:

Buſca algum que da coxeira,
Quando o Patrão não ſahe fóra,
Com os olhos na trapeira,
Limpando a ſege, namora
Deſgrenhada Cozinheira:

Que de noite á ſua porta,
Com famozos tangedores.
Que o *Talaveiras* * conforta,
Lhe manda ternos amores
Sobre as azas da Comporta:

A quem a ſuja Donzella,
Por almoço do coſtume,
Manda em ſordida tigella
O primitivo xorume
Da desflorada panella.

E ſe te não ſatisfazes
Com tanta conquiſta brava,
Que neſta canalha fazes,
E ainda a funeſta aljava
Pejada de ſettas trazes;

Não

* Caza de Povo.

Não tens velhas prezumidas,
Que em fim de mez fingem dores,
Só ás moças concedidas,
E tem de compradas côres
As rôxas faces tingidas?

Cuja bôca peſtilente,
Ante hum eſpelho enſaiada,
Torcendo-ſe deſtramente,
Aprende a abrir a rizada
Por onde inda reſta hum dente?

Que ha ſeſſenta annos donzellas,
(Cazo raras vezes viſto)
Tem titulos de Capellas,
Com hum Habito de Chriſto
Para quem cazar com ellas?

Buſca alguma de bom caco,
Que pela fenda da ſaia,
Marinhando o braço fraco,
Fiſga o lenço de cambraia,
Affaſtando o de tabaco;

Que em festival sociedade
Até o rapé reprova,
Chamando-lhe porquidade;
E vai fartar-se na alcova
De Sumonte, e de Cidade:

Amor, faze estas em postas;
Vai-lhe das lagrimas rindo,
Já que de lagrimas gostas;
E não andes perseguindo
A quem te virou as costas:

Porém se da plebe escura
Em pouco o triunfo prezas,
E queres fina ternura,
Extremos, delicadezas,
Os Freiraticos procura:

Gentes de mais alta esteira;
Ternos, finos corações,
Que em fechada papeleira
Vão guardando em batalhões
As cartas da sua Freira:

Em

Em chegando a Conductora,
Que os ſacrilegios atea,
Hum deſtes de goſto chora,
Lambe com reſpeito a obrea,
Por ter cuſpo da Senhora:

Poſto na inſipida grade,
Em almiſcar perfumado,
Todo amor, todo ſaudade,
Comendo, em doce babado,
Os ſobejos de algum Frade:

Ao ſublime eſtilo guinda
Sua diſcrição notoria;
A que logo a Freira linda,
Revolvendo na memoria
Os dois Livros de Florinda,

Reſponde: *Os conceitos ſigão*
Os holocauſtos do altar;
Pois são, e as chammas o digão,
Pedir, quem póde mandar,
Preceitos que mais obrigão:

En-

Entretanto hum Chantre velho;
A quem a Rodeira engoda,
E que em fechando o Evangelho,
Vai metter dentro da roda
O ſeu cachaço vermelho:

Freiratico por fadario,
Tão golozo, como amante,
Condecinhas pelo armario,
E ſobre a dezerta eſtante
Manjar branco, e o Breviario:

Que em podre Filozofia,
Sectario da antiga Lei,
Os *Univerſaes* ſabia;
E armado do *A Parte Rei*;
Tudo a eito diſtinguia:

Arranca oleozo eſcarro;
Diz á Rodeira hum conceito
Daquelles, que já tem ſarro;
Mette os oculos no peito,
Throno de amor, e catarro:

Pois já que estes peitos vão
Franca entrada offerecer-te,
Amor, carrega-lhe a mão;
Aprendão a conhecer-te,
Mas paguem caro a lição:

Mette n'hum carcere a Dama;
Do bom Chantre os calcanhares
Vão curtir gotta na cama;
E o Secular cruze os mares,
Que foi descubrir o Gama;

E se queres empregar
As tuas settas de prova,
Quando alva Lua raiar,
Vai sobre a Ribeira Nova
As azas equilibrar:

Brancos vestidos tomados,
Descubrindo as saias altas;
Entre as nuvens os toucados;
E com esbeltos Paraltas
Os braços entrelaçados:

Ve-

Verás ſer acceito logo
Teu rizo enganozo, e brando;
Não eſperão por teu rogo;
E em tu do alto aſſoprando,
Verás chammejar o fogo:

Que alvos dedos delicados
A furto ſe vão beijando,
Em quanto os Pais deſcuidados
A loja nova admirando
Pararão embasbacados!

Verás ſizudo Eſtrangeiro
Contando groſſos toſtões
Ao refinado bréjeiro,
Correio de corações,
Que ſe comprão por dinheiro!

Verás Moça rebocada,
Na cabeça lenço çujo,
Rota capa ſobraçada,
Recebendo do Marujo
Hum cópo de limonada;

E em quanto eſcuto os gemidos,
Que arrancas de tantos ſeios,
Deixa que em montes erguidos
Veja os naufragios alheios,
Enxugando os meus veſtidos:

Se até nos teus eſtimados
Ervadas ſettas ſe embebem;
Se do teu rizo enganados
Com bôcas ſedentas bebem
Veneno em vazos doirados:

Vão pé, antepé guiados
Por peitada Cozinheira;
Mas vendo os Pais levantados,
Dentro de enrolada eſteira
Ficão n'hum canto emboſcados:

Quando alta noite ſuſurra
Rijo, ſybillante vento,
Que as groſſas portas empurra;
E acorda o Velho avarento
Com os cuidados na burra:

Salta da cama ligeiro,
Corre portas, e janellas,
Regiſtando o quarto inteiro,
Em celoiras, e chinellas,
Com piſtola, e candieiro:

Que tremor de coração,
Que ſemblantes enfiados
Os Amantes não terão?
Que cos' cólos levantados
Ouvindo o rumor eſtão?

Da janella debruçada
Deſenvolve degráos falſos
Pállida Dama aſſuſtada;
Os mimozos pés deſcalços,
A madeixa ao vento dada:

Pois ſe eſtes teus eſcolhidos,
Por cabedaes, por figura,
Das Nizes favorecidos,
Maldizem ſua ventura,
E deſcem arrependidos;

Como hei de eu crêr-te, que apenas
Vi de longe tranças de oiro?
Debalde outro engano ordenas
A quem de teu vão thezoiro
Nunca teve mais que penas:

De teu rol meu nome risca;
Em peito inda não cortado
Cevados anzoes arrisca;
Mas com peixe já sangrado,
Não gastes a tua isca:

De meu pranto rociadas
Penduro as fataes cadeias,
Ao som de meus ais forjadas;
Arranco das rotas veias
Cruas settas despontadas:

Sangue innocente esparzírão;
Mais á idéa me não tragas
Huns olhos, que enxutos vírão
Estas desgraçadas chagas,
Que em teu serviço se abrírão:

Dei-

Dei-te os cuidados, e os dias;
De tudo já foſte dono,
Reſtão ſó melancolias;
Que gloria te dá hum throno
Poſto ſobre cinzas frias?

Teus golpes de mim que eſperão?
Dá folgo aos eſcravos mancos,
Que em teu carro entorpecêrão;
Deixa em paz cabellos brancos,
Que entre os teus ferros naſcêrão.

SATYRA

Offerecida ao Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Senhor Dom Martinho de Almeida, no Anno de 1779.

A Vós, que favor me dais,
Illuſtre, e Sabio Martinho,
Que meu fraco engenho alçais,
E das letras o caminho
Dentro dellas me moſtrais:

Homem são, e ſem rezerva,
Que pondes ſangue de parte,
Que vãos reſpeitos conſerva;
Nutrido aos braços de Marte
Com o leite de Minerva:

Voſſo Servo hoje ſe atreve
A mandar em má poezia
Bons dezejos, que ter deve;
Que tenhais paz, e alegria,
Mais que o triſte, que iſto eſcreve:

Que nessas vastas campinas,
Que assombrão ermos oiteiros,
Vivais horas mais benignas;
Livre de duros Banqueiros,
Livre de ingratas Nerinas:

Em boa tarde mandai
Farpear bravo novilho;
Com o Conde passeai;
Ide adoçando co' Filho
Justas saudades do Pai:

Ensinai-lhe altas verdades,
Aos vossos olhos patentes;
Mostrai-lhe nessas Herdades
Os prazeres innocentes,
Que fugírão das Cidades:

Que ame a pura singeleza,
De que os campos são figura;
Que não se fie em grandeza;
Que huma he obra da Ventura,
E a outra, da Natureza:

Mas

Mas voltando a nós a mão,
Vós Filozofo profundo,
Que converſais com Platão,
Vède ſe lhe achais hum Mundo,
Que nos encha o coração:

Que este em que eſtamos, Senhor,
Sempre ſurdo a sãos conſelhos,
Volve a roda a ſeu ſabor;
E dizem Pilotos velhos,
Que vai de mal a peior:

Quantas vezes nós fallamos
Sobre a ſua natureza?
Quantas mazellas lhe achamos?
Porém temos a fraqueza
De amar o que condemnamos:

O bom *Demócrito* ria
Do que a nós nos cauza dor;
Elle mui bem o entendia;
Vamos nós tambem, Senhor,
Fazer o que elle fazia:

Dos

Dos homens na vã loucura
Hum pouco meditaremos;
E com alquímia ſegura,
Do mal alheio faremos
Para o noſſo mal a cura:

Quando vierdes, então
Correremos a Cidade;
Huns que vem, outros que vão;
Acharemos á vontade
Onde mettamos a mão:

Veremos o vão Paralta
Calcando importuna lama,
Que as alvas meias lhe eſmalta,
Na eſteira de eſquiva Dama,
Que de pedra em pedra ſalta:

Aos Cafés iremos vêllo
No moſtrador encoſtado
Sobre o curvo cotovello,
Tendo á eſquerda ſobraçado
Gigante chapéo de pêllo:

Alli em regras de dança,
Com outros taes converſando,
Dirá, que deſde criança
Andou ſempre viajando,
Que vio Londres, que vio França;

Que gaſtou groſſos dinheiros;
Pois ver com ſocego quiz
Cidades, Reinos inteiros;
Jura que como em Pariz
Nunca achou Cabelleireiros:

Exalta os môlhos Francezes
Dos banquetes que lhe derão;
E balbuciará ás vezes,
Fingindo que lhe eſquecêrão
Muitos termos Portuguezes:

Chamará á Patria ingrata;
Murmurará do Governo,
Que do bom goſto não trata,
E conſente que de inverno
Haja fivellas de prata:

Em dois minutos emenda
O Mundo, que vai perdido;
E quer que com elle aprenda
Em que quadra, e em que vestido
São proprios punhos de renda:

Carregando a sobrancelha;
A fallar na historia salta;
E logo da França velha
Reconta o pobre Paralta,
Coizas que pescou de orelha:

Faz ao bom *Sulî* justiça,
Que os fios da espada embota
Ao Rei, que em furor se atiça;
E não lhe esquece a anacdocta,
Que hum Reino vale huma Missa:

Falla em São Bartholomeu,
E quazi que as gottas conta
Do sangue que então correo;
E ao certo as folhas aponta
Da historia que nunca leo:

Riremos do ſeu eſtudo;
Porque ſó o tem moſtrado
Em ter chapéo gadelhudo,
Em ter canhão cerceado,
E em pôr de mais hum canudo!

Iremos ouvir mil petas,
Quando mais o Sol ſe empina,
Vendo acerrimos jarretas,
Junto a Santa Catharina,
Argumentando em Gazetas:

Hum quer a cabeça dar,
Se o Conde de *Eſtaing* não fez
Trinta Náos deſarvorar;
Outro levanta em hum mez
O cêrco de Gibraltar:

Hum, riſcando a terra, enſina
Co' a vengala a Geografia;
E nos diz com quem confina
Ao Poente, e ao Meiodia
A Georgia, e a Carolina:

Ou-

Outro aos Inglezes dezeja
Na Armada o fogo ateado;
E pinta em crua peleja
Dez Lords fugindo a nado
Sobre barris de cerveja:

Outro conta os graves damnos,
Que esta Gazeta declara
Tiverão os Castelhanos;
E o triunfo Inglez compara
Cos' triunfos dos Romanos:

Ao seu partido se afferra;
Diz que inda cos' mastos rotos
Ao Mundo farão a guerra;
Mas fica vencido em votos,
E leva a bréca Inglaterra:

Dão ao Leão furibundo
Gibraltar em justa guerra;
E este Concilio profundo,
Sem ter hum palmo da terra,
Está repartindo o Mundo:

Dado em fim o Inglez á ſola ;
Qualquer dos ditos Confrades
Na rota capa ſe enrola ;
E tendo dado Cidades ,
Nos vem pedir huma eſmola :

Dalli , Senhor , voltaremos
Pelas Praças principaes ;
Que bellas coizas veremos !
Que famozos Editaes
Pelas eſquinas leremos !

Chegou Monſieur de tal ,
Quimico em Pariz formado ;
Traz ſegredo eſpecial ;
Hum Elixir approvado ,
Hum remedio univerſal :

Não pertende ajuntar fundo
Cos' grandes ſegredos ſeus ;
E cheio de dó profundo ,
Tira pelo amor de Deos
Os dentes a todo o Mundo :

Ire-

Iremos ler no outro lado,
Onde acazo os olhos puz:
Em quarto grande, e estampado
Sahio novamente á luz
Carlos Magno commentado:

Na mesma loja hão de achar:
As Obras de Caldeirão,
Que em bom preço se hão de dar;
E o Cavalheiro Christão,
E as Regras de Partejar:

Destas ridicularias,
E de outras taes murmurando
Co' as nossas Filozofias,
A tarde iremos gastando
Té que dem Ave Marias:

Então já quando em cardume
Sahe gente da Fundição,
Como sabeis que he costume,
E já as vizinhas vão
Pedir ás vizinhas lume:

Quando a Dama requestada
Hum vulto na esquina vê,
E diz á fiel Criada,
Que desça pé, antepé,
E tome o escrito na escada:

Quando todo o Ginja rico
Para caza a prôa inclina,
Por temer facas de bico;
E cuida que a cada esquina
Lhe lança mão o *Joanico*:

Então, meu Senhor, teremos
Função de mais alto preço;
A certa assembléa iremos
De huma gente que eu conheço,
Onde á vontáde riremos:

Feita a geral cortezia,
Pé atrás, seguindo a moda,
Daremos á Mãi, e á Tia,
E depois a toda a roda,
Alto, e malo, Senhoria:

A Mãi, já dragão formal,
Espelho de desenganos,
E que, por seu grande mal,
Ha já mais de vinte annos,
Que guarda a fé conjugal:

Posta de roda no centro,
Cruza a perna, mestra abelha;
E de longe a ver-lhe eu entro
Çapatos de seda velha,
Bicos de pés para dentro:

A Tia séria mulher,
Que os longos vestidos seus
Ao Carmo manda fazer;
E destas que dão a Deos
O que o Mundo já não quer:

Sente hum desgosto infinito,
Que o Mundo a deixe tão sedo;
Affecta mystico esp'rito;
Porém suspira em segredo
Pelas cebolas do Egypto:

L'Abbé, que encurta as batinas,
Por moſtrar bordadas mêas,
E prezidindo em Matinas,
Vai depois ás Aſſembléas
Cantar modas co' as meninas;

He quem lhe rouba attenções,
E lhe accende hum fogo interno;
Trata-o com mil expreſsões;
Diz-lhe quanto ha de mais terno
Nos ſeus Livros de Orações:

Riremos do tal dragão,
Que tantas figuras faz;
E ſabe, com habil mão,
Unir em profunda paz
Babylonia com Sião:

Pouco ás Filhas fallarei;
São feias, e mal criadas;
Mas ſempre conſeguirei,
Que cantem deſafinadas
De ſaudades morrerei:

Cantada a vulgar modinha,
Que he a dominante agora,
Sahe a Moça da cozinha,
E diante da Senhora
Vem desdobrar a banquinha:

Na farpada meza, logo
Bandeja, e bule apparece;
Que mordais os beiços rogo;
Pois são trastes, que parece
Que escapárão de algum fogo:

Em bule chamado Inglez,
Que já para pouco serve,
Duas folhas lança, ou tres
De cansado xá, que ferve,
Com esta, a setima vez:

De fatias, nem o cheiro,
Por mais que ás vezes as quiz;
Que o carrancudo Tendeiro,
Cansado de gastar giz,
Já não dá pão sem dinheiro:

Sahiremos de improvizo,
Despedidos á Franceza;
E iremos, pois he precizo,
Na vossa esplendida meza
Largar rédea á fome, e ao rizo:

De tudo nos lembraremos;
A famoza digressão
Ao bom Marquez contaremos,
E do vermelho Monção
Mil saûdes lhe faremos:

Mas, Senhor, agora vejo
Quanto o pensamento voa;
Estar comvosco dezejo;
Não podendo co' a pessoa,
Fui ao menos co' dezejo;

Correo com largueza a mão;
Escrevi mais do que devo;
Foi culpa do coração;
Quando vos fallo, ou escrevo,
As horas instantes são;

Quem me ſeja pouco affeito,
Vendo eſtas regras ſingelas,
Dirá com damnado peito,
Que eſcrever-vos bagatelas,
He faltar-vos ao reſpeito;

Mas vós ſois ſabio, e ſois juſto;
Sabeis a quem mo encoſtei;
Boileau, que eſcreveo ſem ſuſto,
Fez o meſmo ao grande Rei,
Fez o meſmo Horacio a Auguſto.

A FUNÇÃO.

SATYRA.

MUza, basta de rimar;
Já fazes esforços vãos,
Vai a Lyra pendurar;
Não sabem trémulas mãos
Com as cordas acertar;

Já a velhice pezada
Te encheo de rugas a testa;
Já co'a dura mão gelada
Te poz a marca funesta
Na madeixa branqueada;

Teu Estro, falto de meios,
Já furta mais do que imita;
Vás dando airozos passeios,
E todo o Povo te grita,
Larga os vestidos alheios;

Tua vaidade faz dó;
Cinges cascos enrugados,
Cheios de caruncho, e pó,
Com velhos loiros furtados
Do sepulchro de Boileau:

Lêste por teu mal hum dia
Este Livro endiabrado;
Tal te poz a fantazia,
Que o corpo velho, e cansado
Inda te pede folia:

Depois que vistoza Quinta
Te deo brilhante função,
Tu de discordias faminta,
Vens com damnada tenção
Pôr-me ao pé papel, e tinta:

Bem me lembra o sitio ameno;
Quanto vi, tenho prezente;
Mas a ti he que eu condemno,
Que na acção mais innocente
Vás sempre deitar veneno:

Com

Com felpudos chapelinhos,
Que estofada pluma ornava;
Por aprazíveis caminhos,
Formozo Esquadrão montava
Ajaezados burrinhos:

Marcha a Tropa; Amor a guia;
Tu que a mesma estrada trilhas,
Mostra-me em todo esse dia
Coizas, que não fossem filhas
Da innocencia, e da alegria?

Dizes que pobres Donzellas
Vão os olhos enganando
Com postiças tranças bellas,
E chitas de contrabando,
Que ainda são das Adellas;

E que em quanto em táes desmanchos
A Irmã, com titulos falsos,
Faz a gloria destes ranchos,
Corre o Irmão, cos' pés descalços,
Vendendo em Lisboa ganchos:

Di-

Dizes que hum, o qual eu callo,
Aſſentando que as Senhoras
Querem todas namorallo,
Cravando a furto as eſporas,
Mettia em obra o cavallo:

Que outro, falto de expreſsão,
Traficar de longe quiz;
E com o lenço na mão,
Pagava o pobre nariz
Os crimes do coração:

Mas quanto atéqui exprimes,
Por mais que as côres lhe mudes,
Por mais que a teu geito o rimes,
Creio que não são virtudes,
Porém tambem não são crimes:

No largo páteo apeados,
Que alva cal em torno pinta,
Dizes que de braços dados
Fomos paſſear na Quinta,
Huns dos outros ſeparados:

Fa-

Faiſcando os olhos lumes,
Perdido o ſizo, e o conſelho,
Gritas em vivos queixumes:
= Onde eſtão, Portugal Velho,
Onde eſtão os teus coſtumes?

Onde os bons tempos eſtão
Da ſimples Lisboa antiga?
Quando era grande função
Ir a Amiga ver a Amiga,
E merendarem no chão?

Quando a Filha ſem labéo
Hia cantar com trabalho,
E co' a innocencia do Ceo:
Senhor Franciſco Bandalho,
Fitta verde no chapéo?

Oh malditos os primeiros,
Que a Idade de Oiro inventárão!
Que banírão pegureiros;
E nos campos miſturárão
Os Lobos com os Cordeiros?

Qual,

Qual, apertando alvos dedos,
Vai dizendo: *Ingrata*, *aprende*
Destes passarinhos ledos;
Amor sua voz entende,
São de amor os seus segredos:

Qual co' a navalha affiada
Desigual cortiça aplana
D'antiga arvore copada,
E entalha, em letra Romana,
O nome de sua Amada;

Beija então as letras bellas;
E de Versos curiozo,
Pondo brandos olhos nellas,
Pede ao tronco venturozo,
Que as vá erguendo ás Estrellas:

Dizes que por mais que eu prégue,
São baldados meus officios;
Que ninguem já mais consegue
Marchar sobre precipicios,
Sem que algum pé lhe escorregue:

Sem-

Sentão-se entretanto os Pais ;
Vem Gazeta, e Rei da Prussia,
Vem os Estados Gerais;
Marchão com as Tropas da Russia
As Tropas Imperiais:

Hum conta da porta o estado;
Diz que das Pazes o Artigo
Vai mui pouco acautelado;
E tendo a Filha em perigo,
Ri do Turco descuidado:

Co' a pintada sobrancelha
Vai sózinha passeando
Boa Mãi, sincera Velha;
Dos esgalhos resguardando,
Ora a pellicia, ora a telha;

Pondo contra a luz a mão;
E crendo que nesta rua
Está São Sebastião,
De Venus á Estatua nua
Faz mizura, e oração;

Em

Em tanto as Venus melhores,
Do que esta, que a Arte fez;
Escutão ternos amores,
Que estão jurando a seus pés
Felizes adoradores:

Basta, Muza, pare ahi
Esse montão inimigo
De mentiras, que te ouvi;
Tu sempre andaste comigo,
Mas eu nada disso vi;

Foi por meu braço levada
Huma das ditas Donzellas;
Feia, mas a estudos dada;
E sobre doutas Novellas
De tenros annos creada;

Levantou sábias questões,
Que ella mesma resolveo;
Fez profundas reflexões;
E por fim me prometeo
Ler-me as suas Traducções;

Jurou que aprendeo Grammatica,
E que hoje os Livros não feicha
Da infallivel Mathematica;
E quer ver ſe o Pai a deixa
Ir na Máquina Aeroſtatica:

Só de nós podes fallar;
Dos mais, como has de ſaber,
Se vendo-os no boſque entrar,
Quando os tornámos a ver
Foi ás horas de jantar?

Dizes que he falſo eſte nome;
Que foi jantar de matúla,
Onde ſó quem furta, come;
Juras que no Altar da Gula
Foſte Victima da Fome;

Mas da tua ſemrazão
Eu vi prova verdadeira;
De habil Velha a creſpa mão
Foi atacando a algibeira
Cos' ſobejos da Função;

Se Nize, que faz eſtudo
De affectar moral virtude,
Com ar auſtero, e ſizudo
Faz criminoza ſaude
Com os olhos no ſeu *Tudo*;

Se o Xisxisbeo ſeu vizinho
Lhe vai affagando os dedos
Do tenro, ſurdo pézinho,
E por ſaber-lhe os ſegredos
Lhe bebe o reſto do vinho;

Se máo Trinchante novato,
Moſtrando annel de brilhantes,
Mas errando a força, e o tacto,
Com rizo dos circunſtantes,
Trinchou o perum, e o prato;

Se gordo, Beirão Morgado,
A quem ſeus canhões affrontão,
E em par de meias bordado,
Traidores vincos nos contão
As vezes que as tem calçado;

Seguindo a Nerina o trilho,
Lhe eſtá dizendo que a adora;
Que de fartos Pais he filho,
E que venha ſer ſenhora
De vinte moios de milho:

Se eſte infeliz namorado
Bordou de arroz o veſtido;
Se duro garfo aguçado,
Na noviça mão mettido,
Lhe deixa hum beiço eſpetado;

Tudo iſto são méros nadas,
E toda a indulgencia pedem
Mezas em barulho armadas;
Peiores coizas ſuccedem
Nas que julgas delicadas:

Eu já vi boçal Criada,
Que o fatal ſegrédo eſpalha,
De eſtar hum moço na eſcada,
Que vem buſcar a toalha,
Se eſtá já deſoccupada:

Dei-

Deixa pois tenção roim;
Foi hum ſoffrivel jantar;
E depois que elle deo fim,
Foi máo ver contradançar
Toda a tarde no jardim?

Déſtros Pares perfilados,
Que o brilhante enredo tecem,
Derão promptos, e acertados,
Hum prazer, que ſó conhecem
Os corações delicados:

Venus meſma não fizera
Jogos mais encantadores,
Quando dizem que deſcêra
Entre as Graças, e os Amores
Sobre os Jardins de Cithéra;

E que mal te fez então,
No furor das contradanças,
Ver Parceiro cortezão
Ir levar á Dama as tranças,
Que lhe cahírão no chão?

Das tres Velhas que dançárão,
Se huma gritou de repente,
Foi porque os pés a entregárão,
Quando desgraçadamente
Os dois callos se encontrárão;

E se acazo em ti não ha
Gosto por tal passatempo,
Enfreia essa lingua má;
São modas, que vem co' tempo,
O tempo as acabará:

Não são os gostos eternos;
Teve o Passapié amigos,
Ainda não ha quinze Invernos;
Foi a gloria dos Antigos,
Hoje he mófa dos Modernos:

Debalde em ralhar te canças;
Deixa ao tempo os seus caminhos;
Ir-se-hão poupas, ir-se-hão tranças,
Istericos, Jozézinhos,
Feitiços, e contradanças:

Em bandolim marchetado,
Os ligeiros dedos prontos,
Loiro Paralta adamado,
Foi depois tocar por pontos
O doce *Londum chorado*:

Se Marcia ſe bamboleia
Neſte innocente exercicio,
Se os quadriz ſaracoteia,
Quem ſabe ſe traz cilicio,
E por virtude os meneia?

Não ſentencees de eſtallo;
Tem as danças fim decente;
Ama o Pai, mas por deixallo,
Dança a Donzella innocente
Diante de São Gonçallo:

Cobrando o pardo dinheiro,
De que o Povo he tributario,
Velho Preto prazenteiro,
Para gloria do Rozario,
Remeche o corpo, e o pandeiro:

Em ſolemne Procifsão
Une a Frialeira caſta
O Fandango, e a devoção;
Mas em fim de exemplos baſta,
E tornemos á queſtão:

Já d'entre as verdes murteiras,
Em ſuaviſſimos aſſentos,
Com ſegundas, e primeiras,
Sobem nas azas dos ventos
As Modinhas Brazileiras;

E que mal te fez na porta,
Pai, que ronda de quadrilha,
Cabelleira loira, e torta,
Dizer que pegão á filha
Hum bocado de *Comporta*? *

Com que graça vem trazidas,
Fingindo-ſe envergonhadas,
Tenras faces incendidas,
Por déſtros galgos achadas
No jogo das eſcondidas?

Mu-

(*) Moda, que canta a gente da Plebe.

Muza, abre os olhos escassos,
Não te enganes co' a appparencia;
Senão torcesses os passos,
Acharias a innocencia
Té no jogo dos abraços:

Marilia as linhas espalha;
E a candida mão sem luva
Tão destramente as baralha,
Que sempre sahio viuva
Santa Velha, que não ralha:

Tira a este brinco o véo,
Util fim verás mil vezes;
Dalli sahe o Xisxisbeo;
Dalli se levão as rezes
Aos Altares de Hymeneo;

E se co' a lingua damnada
Sem motivo envenenaste
A tarde tão bem passada,
Com menos cauza gritaste
A' noite na retirada:

Se

Se a pé, dando o Jozézinho,
Escoltou Alcino ledo
A Marcia todo o caminho,
Foi porque ella tinha medo
Que lhe cahisse o burrinho:

Todas contentes chegárão;
Nenhuma chegou moîda;
E depois que se apeárão,
Alli mesmo, á despedida,
Outra Função ajustárão:

Vês, Muza, como atropellas
A innocencia das Funções?
Confessa que em todas ellas
O mal não vem das acções,
Vem de quem julga mal dellas:

Segue outra Filózofia;
Nem sempre seriedade,
Como nem sempre folia;
Na discreta variedade
Está do Mundo a harmonia;

Bravo Inglez ſanguinolento,
Depois de deixar votado,
Que ſe affronte o mar, e o vento,
Cuidas que fica fechado
Nas falas do Parlamento?

Se pela Patria ſe canſa,
Tambem prazeres dezeja;
De manhã aſſuſta a França;
Arrota á noite cerveja,
Canta mal, e contradança:

Trata pois de te emendar,
E deixa vidas alheias;
Que o Povo eſtá a zombar
Em quanto te inchão as veias
Com a força de prégar:

Thomás dos Pós fez Miſsões; *
Ajuntou gente infinita;
Mas inda em negros vergões
Traz nos artelhos eſcrita
A paga dos ſeus Sermões:

To-

* Donato, que por prégar, foi para as Galés.

Toma em fim á lição minha;
Mas se estás na mesma frágoa
Daquella mulher mesquinha,
Que alçando a mão fóra d'agua,
Fez cos' dedos tizoirinha:

Teme o raivozo furor
Do Exercito dos Paraltas,
Que em armas se vai já pôr;
Tambem o das poupas altas,
Que he inimigo peior:

Guardão no peito odio velho
Por motivos similhantes;
E se crês no meu conselho,
Mata-lhe antes os Amantes,
Quebra-lhe o melhor espelho,

Prohibe-lhe as convulsões;
Abre-lhe ao cãozinho as veias,
Que para tudo ha perdões;
Mas nunca lhe chames feias,
Nem lhe entendas co' as Funções.

O VELHO.

SATYRA.

EM vão te quero fugir;
Fatal Velhice, as tuas settas
De perto me vem ferir;
Bem oiço o som das muletas,
E bem te sinto tossir:

Assim Natureza o quiz;
Já em teu rol me alistaste;
Já em triunfo infeliz
Huns oculos arvoraste
Neste vencido nariz:

Vens agora em teu vassallo
Imprimir novos ferretes;
Aos justos me humilho, e callo;
Brotem nodozos joanetes,
Nasça em cada dedo hum callo:

Mas

Mas não dês com mão maldita
Castigo sobre castigo;
Eu não fujo á lei prescripta;
E teimar tanto comigo,
Não he lei, he rebemdita:

Queres que nojozo pranto
Já me creste rubros olhos?
E não farta inda com tanto;
Alças bandeira de folhos,
E já me apontas hum canto?

Já me mandas, que abafado,
Martyr de algozes receios,
Pardo lenso sobraçado,
Tente convulsos passeios
No meu Gallego encostado?

Venha o mal, mas não se apresse;
Sobre o consultado espelho
Meu rosto não esmorece;
Queres saber quem he velho?
He velho quem o parece.

Sei que a calva me condemna;
Que importuna côr desdoira
A grenha, pouca, e pequena;
Mas esta marrafa loira
Lança hum véo sobre a gangrena:

Não me venha já fechar
Apressada mão ferina;
Tenho huma alma, e posso andar;
Quero da fiel Nerina
Pela rua passear:

Sizudo amor nos prendeo;
Nerina não quer ver rotos
Os laços que me teceo;
Quer consagrar nossos votos
Ante a faxa de Hymeneo:

Velhos da ultima idade,
Ao longo calção estreito
Mandão apertar metade,
Porque inda traz o defeito
De andarem nelle á vontade;

Pois ſe há tantos refundidos
Com quem fazes groſſa a viſta,
Seja eu dos favorecidos;
Augmenta comigo a liſta
Dos teus eſcravos fugidos:

Deixa em fim, deixa abrandar-te;
Quando não, rebelde preza,
Heide as forças diſputar-te;
Tens por ti a Natureza,
Eu tenho o coſtume, e a Arte:

Troca a Arte annozos Freixos
Em doirado Bergatim;
Troca em Ninfas toſcos ſeixos;
E torna em alvo marfim
Podres, ſolitarios queixos:

Que importa que a côr grizalha
Me infame o roſto ronceiro,
Se em quanto da Europa ralha,
Leva fallador Barbeiro
Os meus annos na navalha?

Se em cortezaâ ſociedade
Lésbia contrafaz denguice;
E fiada no alvaiade,
Quer tributos na velhice,
Sem os ter na mocidade:

De tigellas rodeada,
Se á vontade os annos troca;
E por ficar bem pintada,
Com colhér dentro da bôca
Alteia a face engilhada:

Se a ſurda orelha applicando,
Por moſtrar que ouvíra tudo,
Vai co' a cabeça approvando
Maganão, que em ar ſizudo,
Serpente lhe eſtá chamando:

Se aſſim meſmo quer Amantes;
Se Alcino ajuſtando á Lyra
Mentirozos conſoantes,
A ſeus joelhos ſuſpira
Pelos brincos de diamantes:

Mo-

Moço de meſquinha ſorte,
Que tendo á indigencia horror,
Vende amorozo tranſporte,
E entoa os hymnos de Amor
Ao Simulacro da Morte:

Pois ſe a Lésbia he permittido
Rebellar-ſe á Natureza,
E a ſeu duro açoite erguido;
Porque eſtupida baixeza
Hei de eu dar-me por vencido?

Cêdão trêmulos Jarretas,
Que já quatro idades contão;
De Cupido as mãos diſcretas
Sobre cinzas não apontão
As ſuas doiradas ſettas:

Ceda Anfronio, que aſſentado,
O queixo em vão maſtigando,
Na poltrona agazalhado,
Vai ſendo de quando em quando
Pelas filhas aſſoado:

Que dando rizadas tontas
Da contradança aos enredos,
E rezando ao ſom de affrontas,
As Netas apertão dedos,
Em quanto elle paſſa contas:

Sobre Anfronio aſſenta bem
Teu açoite levantado;
Contra mim ſem tempo vem;
Que em eſtando eſcanhoado,
Não me troco por ninguem:

Debalde de alcatruzar-me
Agora em vingança goſtas;
Vejo Nerina a eſperar-me,
Gritarei com dor de coſtas,
Porém hei de indireitar-me:

Gemão, ſubindo a calçada,
Meus torcidos oſſos velhos;
Que com a porta cerrada,
Pondo a cara nos joelhos,
Tomarei fôlgo na eſcada:

Entrarei fazendo agrados,
Comprados dentes moſtrando
Os meus beiços enſinados;
E nos aventaes lançando
Mãos cheias de rebuçados:

Direi mil amores ternos,
Ante Nerina ajoelhado;
Maſcarando os meus invernos
Com cabeção encarnado,
E botõeszinhos modernos:

Meu Tudo, vem hum primor;
Vale mais que mil Paraltas;
He o retrato do Amor;
Bem lhe eſtão as feições altas;
Vem hoje meſmo huma flor:

Senhora, são os enganos
Da belleza companheiros;
Em mim ſó ha deſenganos;
Tendes neſtes Cavalheiros
Mais prendas, e menos annos:

Os-

Outra idade me convinha
Para vos ser bem acceito;
A accender a paixão minha
Venus contra o vosso peito
Seus Cisnes não encaminha:

Beijo-lhe a nevada mão,
E vou por ella mandado,
Pondo hum chapéo de galão,
Repetir, com pé virado,
Castelhana relação:

Mas tu, Velhice raivoza,
Só comigo impertinente,
Desigual, escandaloza,
Com tantos tão indulgente,
Comigo tão rigoroza?

Forjando na testa injusta
Vís idéas insultantes,
Gritas, que Nerina he justa;
Que me lança aos circunstantes,
E os diverte á minha custa:

Que he a travêssa Nerina,
Que me fez ao Sol expôr
Dez manhans a huma esquina;
Sendo as pagas deste amor
Rizadas, e huma maligna:

Que dos sete Amantes seus
Que suspiramos feridos
Co' as settas do cégo Deos,
Escuta os ternos gemidos;
Mas por mófa, só os meus:

Que os olhos, que eu chamo Soes,
Mestres de attractivas tretas,
Tem só oiro por faroes;
Que alli forja Amor mil settas,
Que levão na ponta anzoes:

Mas que barbara insolencia!
Que injusto, infernal conceito!
E es tu irmã da Prudencia?
Infamar hum casto peito,
Throno de amor, e innocencia?

Unir-ſe a Noite co' a Aurora,
Ver rebentar d'agua fria
Viva chamma abrazadora,
Mais facil iſto ſería,
Que ſer Nerina traidora:

Seus fiſcaes meus olhos são,
Inda d'antes que os ſeus paſſos
Tocaſſem paterno chão;
Vi-a creſcer nos meus braços,
Leio no ſeu coração:

Sem mim nunca póde eſtar;
Co' meu Moço á noite vou
A ſua porta rondar;
Quer ſaber que alli eſtou,
Goſta de ouvir-me eſcarrar:

Contando hiſtorias de Fadas,
Em horas que o Pai não vem,
E co' as pernas encruzadas,
Sentado ao pé do meu Bem,
Lhe dóbo as alvas meadas:

Seus eſcritos, que me affirmão
Singelo amor, fé ſegura,
Com o ſeu ſangue ſe firmão;
Pelos meus olhos o jura,
E as Criadas o confirmão:

A caça, a fina ſedinha,
De que as gavetas são fartas,
Com inveja da Vizinha,
O Pai meſmo lê as cartas,
Em que lhas manda a Madrinha:

Quando alguem mais ſedo chega
Nos dias de Companhia,
Aos p'rigos nunca ſe entrega;
Leva ſempre a auſtera Tia,
Inda a pezar de ſer céga:

E tu, Velhice cruel,
Manchas tão juſta paixão!
Com a lingua molhada em fel
Manchas puro coração,
A ſi, e a mim tão fiel!

Mas ainda a ſer evidente
Quanto queres inventar;
Apoſtolo impertinente,
Para que has de tu ſuar,
Se não ſua o Padecente?

Doces expreſsões ſinceras,
Meigo, carinhozo dó,
Suppõe que não são deveras;
Por ventura ſou eu ſó,
Que me nutro de quimeras?

Se poz Natureza crua
Em cada hum hum furor,
Só em mim a eſpada nua?
Se a minha teima he o amor,
Todos os mais tem a ſua:

Fabio, antigo Cavalheiro,
Mas que herdou ſó pergaminhos,
Quebrando hoje o mialheiro,
Deixou rotos os filhinhos,
E comprou hum repoſteiro:

Pede eſmola em baixa voz;
E alegre ſua alma nobre,
Zomba da pobreza atroz,
Beijando no dado cobre
As Armas de ſeus Avós;

Ticio, de Verſos fallidos
Fabricante impertinente,
Huns curtos, outros compridos,
Quer que gemão igualmente
As Imprenſas, e os ouvidos:

Enfaſtiados Freguezes
Jurão que eſte Author he louco;
O Cégo grita ſeis mezes;
E á noite, raivozo, e rouco,
Conta os meſmos Entremezes:

Mas Freira, que tem dinheiros,
E da *Fenis Renaſcida*
Repete tomos inteiros;
Dois triennios incumbida
De dar Motes nos Oiteiros:

Que hoje com dois eſtupores,
Buſcou dos banhos o abrigo;
Pródiga em xá, e em louvores,
He quem desforra eſte Amigo
Do deſprezo dos Leitores:

Ticio ri de ſemrazões,
Vende ás Tendas pelo vulto
As divinas producções;
E tem dó do Povo eſtulto,
Que goſta mais do Camões:

Pois ſe aqui na terra dura,
Que tu empeiorado tens,
Não ha ſolida ventura,
Deixa-lhe ao menos os bens,
Que finge a humana loucura:

Mas taes argumentos são
Para o meu cazo eſcuzados;
De Nerina a eſtimação,
Firme amor, doces agrados,
Não são bens de opinião:

Velho que attento namora,
Que arrosta calmas intensas
Por servir a quem adora;
Que lhe cobra logo as Tenças,
Que he Comprador da Senhora;

Que he calado, que he pollido,
Que tem hum coração lizo,
Com outras não dividido,
Pelas Damas de juizo
He aos Moços preferido;

Que faz sobrancelha preta,
Corpo esbelto, olhos bonitos,
Se sabe a Dama discreta,
Que nos Cafés seus escritos
São a segunda Gazeta?

Mil relogios, mil fivellas,
Que aos Adonis muitas derão
Para huma irmã ir a Bellas,
A' terça feira pendêrão
Nas cabanas das Adellas:

Cuidas que he hum Corollario
Ser velho amante infeliz?
Amor he muito arbitrario;
Manda este sabio juiz
Muitas vezes o contrario:

Roto Diccionario antigo
Me dá neste assumpto a mão;
Trata deste mesmo artigo;
E inda que he mera ficção,
Atiça a luz ao que eu digo:

Branda doença tocava
De moço Marido o peito;
Terna Espoza o não deixava;
Desgrenhada sobre o leito,
Triste pranto derramava:

Vem loquaz Medico forte,
Que com a penna homicida
Governa as coizas de sorte,
Que nos esteios da vida
Levanta o throno da morte:

Por elle os ais derradeiros
Em milhões de tectos voão;
Por elle folgão herdeiros;
E em mil hermos adros sôão
As enxadas dos Coveiros:

Á triste victima então,
Que o ultimo instante goza;
Porque cahíra em tal mão,
Passou dos braços da Espoza
Para as garras de Plutão:

Não foi ver a clara luz,
Que em doce silencio raia
Nesses vastos campos nûs,
Aonde o filho de Maia *
Piedozas sombras conduz:

Foi ao Reino dos espantos;
O coitadinho pasmava,
Quando alli vio taes, e tantos;
Vio muitos, que elle cuidava
Que erão neste Mundo huns santos:

Mas

* Mercurio, filho de Maia, era na Fabula o Conductor das Almas aos Campos Elizios.

Mas o que mais o admirou
Foi ver ſeu velho Criado,
Que elle dos bons Pais herdou,
Por longas cans abonado,
E a quem a caza entregou:

Homem, lhe diz, que a ambição
Me vieſſe aqui trazer,
Pede-o a juſtiça, e a razão;
Quiz meu filho enriquecer,
E para elle fui ladrão:

Mas de ti me maravilho;
Dize, ó homem de conſelho,
Por que vieſte a eſte trilho?
Vim, reſponde o afflicto Velho,
Por ſer o Pai do tal filho:

Com eſta hiſtoria te enſino...
Porém tu me terás vendido;
E ás idéas que combino,
Vás co' teu queixo cahido
Dando hum ſorrizo malino:

Dizes que os annos eſcondo,
Fundando razões nos ventos;
Que á parte a verdade pondo,
A ſizudos argumentos
Só com fabulas reſpondo;

E em quanto te eſtou provando,
Que me devem ter amor,
Vás as ſettas affiando;
E o trahido Prégador
Com ellas ameaçando:

Fira embora a mão meſquinha,
Que eu nunca lhe cederei;
He Nerina a paixão minha;
E por cazas andarei
Atrás della em cadeirinha:

Ella virá ajudar
Meus tardos, mal firmes paſſos;
E por não me conſtipar,
Irão os ſeus alvos braços
As vidraças abaixar:

Sua bôca esfriará
Meu xá, se quente o sentir;
Meus óculos limpará;
E para me fazer rir,
No seu nariz os porá:

Perdes em fim os cuidados
Sem vires cos' teus sequazes,
Triunfantes, apupados,
Brinco, e medo, dos rapazes,
Os sujos Gatos-pingados:

Então quando tendo alçado
Das tristes, feridas cazas,
A Morte seu voo ouzado,
Encolher as negras azas,
E poizar no meu telhado;

Quando os dias que me agoiras
Sentirem o ultimo frio,
Que em teus cofres entizoiras,
E a Parca em meu debil fio
Fechar as fataes tizoiras;

En-

Então ſim, então venceſte;
Os teus olhos fartarás
No triunfo que tiveſte;
Mas tambem então verás
A loucura que fizeſte:

Sem hum Velho aſſim jucundo,
Que ponha côr, ponha dentes,
Quaes são teus bens, qual teu fundo?
És o terror dos viventes,
És o maior mal do Mundo:

Sem mim, ſem minhas trapaças,
Sem ternura, ſem meiguice,
Sem eſtudadas negaças,
Como andaria a Velhice
A par do Amor, e das Graças?

Chora então quem te arrancou
O arraigado vituperio;
Que os horrores te affaſtou;
Que adoçou o teu imperio,
E que em te negar, te honrou;

E ſobre huma campa breve,
Com perfundado lavor,
Que a mão do Tempo não leve,
Em honra tua, e do Amor,
Eſte Epitafio me eſcreve:

Aqui, liza pedra, encobre
Hum peito nunca infeliz;
Todo o Amante animo cobre,
Vendo que eſte foi feliz,
Que além de velho, era pobre.

FIM DO TOMO I.

INDICE

Do que contém este I. Tomo.

SONETOS.

A'

Na

Aos

ODES.

MEMORIAES.

SATYRAS

Erratas do I. Tomo.

A folhas 29, ultimo Terceto, segundo verso, deve ler-se a palavra = Sobrinho = sem virgula.

A folhas 39, segunda Quadra, segundo verso, deve ler-se = parolim =

A folhas 78, primeira Strofe, quinto verso, deve ler-se = cheas =

A folhas 118, segunda Quintilha, segundo verso, deve ler-se = a penna cai =

A folhas 139, terceira Quintilha, quarto verso, deve ler-se = maniatados =

A folhas 198, primeira Quintilha, segundo verso, deve ler-se = Frielleira =